



Nº 11
Março 2014

Eurídice

Órgão de Informação e Divulgação da Banda do Exército



**Concerto de Encerramento das Comemorações do 25º Aniversário
da Banda Sinfónica do Exército**



D.Caeiro, Lda

Especialista em Instrumentos

Musicais de Sopro

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

ACESSÓRIOS

INSTRUMENTOS

Fornecedor:

Bandas Militares e Militarizadas

Conservatórios de Música, Escolas

Orquestras, Colectividades Musicais, Autarquias e Câmaras Municipais

Av. Júlio Dinis, 14 (Ao Campo Pequeno)

Centro Comercial Columbia, Loja 2 - 1050-131 LISBOA - PORTUGAL

Tel: 21 795 15 26 Fax: 21 795 15 27

www.dcaeiro.pt

e-mail: info@dcaeiro.pt/d.caeiro@sapo.pt

ÍNDICE

- 3 Editorial do CEME
General Carlos Jerónimo
- 4 Testemunho do Diretor da DSP
Major-General Aníbal Alves Flambó
- 5 Prefácio
- 7 Concerto de Abertura das
Comemorações dos 25 Anos da
Banda do Exército
- 10 Ciclo de Concertos dos 25 Anos da
Banda do Exército
- 15 Seminário Comemorativo dos
25 Anos da Banda do Exército
- 25 Grandes Compositores para
Orquestra de Sopros
Jan Van der Roost
- 28 BANDA, "IN PRINCIPIO"
- 35 Ciclo das Bandas Militares e
Militarizadas em Portugal
Banda da Armada
- 37 Entrevista com o Chefe da Banda da
Armada Maestro 1º Tenente Músico
Délio Gonçalves
- 41 Notícias
- 51 Cursos de Música ministrados pela
Banda do Exército



Boletim da Banda do Exército

N.º 11
Março 2014

Propriedade
Exército Português

Diretor
Direção de Serviços de Pessoal
Aníbal Alves Flambó
Major-General

Diretor Executivo
Chefe Titular da Banda do Exército
João Maurílio de Caires Basílio
Major Chefe de Banda de Música

**Design Gráfico e
Edição de Fotografia**
João Pedro Lopes Rafael Azevedo
Sargento-Ajudante Músico

Coordenadores
Óscar Manuel Borges de Oliveira
1º Sargento Músico
Ana Sofia Mateus Francisco
1º Sargento Músico

Redação e Administração
Banda do Exército
Largo do Palácio
2745-191 QUELUZ
Tel. 214343480
Fax: 214343483
Site: www.exercito.pt
e-mail: revista.euridice@gmail.com

ISSN
1646-9518

Tiragem
3000 Exemplares

Periodicidade
Anual

Capa
Sofia Lima

Impressão
Manuel Barbosa e Filhos, Lda
Cabeço de Montachique
Tel. 219 855 606
Fax. 219 855 774
Tm. 969 524 331
faustobarbosa.mbf@gmail.com

Os artigos da presente publicação foram escritos ao abrigo do novo Acordo Ortográfico e exprimem a opinião dos seus autores e não necessariamente o ponto de vista oficial da Banda do Exército, da DSP e do Estado-Maior do Exército.



**Sempre ao lado
dos grandes baluartes
da música em Portugal**

10 Anos ao Serviço da Música



RUSSOMUSICA - Instrumentos Musicais Lda

Rua Marquês de Pombal, 97 - Lja Esq. • 2735-316 Cacém - PORTUGAL

Tel: +351 21 918 15 80 • Fax: +351 21 912 96 17

www.russomusica.com

Editorial



Remeto as minhas primeiras palavras deste editorial para todos os militares da Banda do Exército, sendo com orgulho pessoal, que penso partilhado por todos os militares do Exército, que testemunho a tiragem de mais um número da revista Eurídice.

Passámos por muito ao longo da História e sempre conseguimos encontrar um trilho seguro que nos conduzisse ao futuro. Atravessámos guerras, fomes, pestes, invasões, ditaduras e crises económicas incomensuravelmente maiores que a atual. Sofremos, é um facto, mas conseguimos - todos juntos - superar as dificuldades, crescer, afirmando-nos como uma nação europeia.

No atual contexto social e económico que o país atravessa, é fundamental trilhar um caminho que devolva a esperança de um futuro melhor e assegure uma imagem sustentável e segura no rumo dos nossos projetos.

A Banda do Exército tem sabido abraçar os projetos e desafios que lhe são colocados, tendo sempre presente o sentido de dever que se impõe nas suas apresentações públicas, quer sejam de carácter estritamente militar ou junto da população civil, presenteando-nos com elevados níveis de desempenho.

Aos militares da Banda do Exército, cientes do padrão de exigência que lhes é pedido, cabe o imperativo de garantir o elevado nível de rigor e de formação, facto notoriamente observado no ano transato aquando das comemorações dos 25 anos da sua criação. De facto, o tempo tem-nos demonstrado que a Banda do Exército tem sabido estar à altura dos desafios propostos.

Na qualidade de Chefe do Estado-Maior do Exército, desde 18 de Janeiro de 2014, e um atento espectador de todas as ações da Banda do Exército, não podia, de modo algum, declinar o honroso convite para testemunhar o trabalho, empenho e dedicação que o Exército e as demais entidades civis, têm constatado na Banda do Exército ao longo dos anos.

Acredito na força deste conjunto de militares, na sua capacidade de superação, na resiliência que nos enche a alma e o coração sempre que assistimos às atuações da Banda do Exército.

Gostaria de terminar com uma mensagem de estímulo e de confiança, e exorto-vos a continuarem com o mesmo sentido de missão e atitude, desenvolvendo e abraçando estes e outros projetos, como sempre têm feito.

Lisboa, 25 de Março de 2014

**O CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
CARLOS ANTÓNIO CORBAL HERNANDEZ JERÓNIMO
GENERAL**

Testemunho



A Revista Eurídice tem-se constituído, desde sempre, como a revista dos elementos que servem a Banda do Exército, convertendo-se num espaço de debate, reflexão e investigação sobre os mais diversos temas e diferentes áreas do mundo musical, elevando os padrões de excelência prosseguidos nesta Banda. A revista número onze, que agora vem a lume, mantém a linha editorial anterior, privilegiando a diversidade de matérias e projetando saberes.

Neste número, pareceu-nos que faria sentido publicar o balanço das comemorações dos 25 anos da Banda do Exército, do passado ano.

Nos últimos vinte e cinco anos, a Banda do Exército tem estreitado relações com entidades civis muito profícuas, abrindo novas portas e novas oportunidades. Veja-se o caso da Escola Superior de

Música de Lisboa, que nos acolheu para a realização do Ciclo de Concertos.

A todos, aos seus órgãos dirigentes e colaboradores, endereço as minhas cordiais saudações e agradecimentos, pelo apoio a esta excelente iniciativa para o engrandecimento e prestígio da nossa Banda.

Hoje e sempre, queremos a Banda do Exército cada vez melhor preparada para enfrentar os desafios que se colocam no horizonte, os quais, não tenhamos dúvidas, serão inúmeros e consideráveis, se tivermos em conta as circunstâncias vividas hoje. Pois se é verdade que não têm feito o vosso caminho sozinhos, indiscutível também o é que a vossa força de vontade tem sido um fator determinante para termos chegado onde chegámos nos dias de hoje.

Ao longo destes dois anos e meio (e três números da Revista Eurídice), procurámos dar voz a todos, conhecidos e conceituados, mas também a novas vozes, a jovens que, através da sua investigação e prática, procuram criar o seu espaço no atual contexto.

Não terá sido um percurso perfeito e isento de percalços: considerá-lo sob esta forma seria uma pretensão inadmissível. Porém, parece-me sensato considerar que os percalços e os lapsos serviram, antes de mais, como fator de aprendizagem essencial.

A fasquia não subiu agora. Foi sempre alta. O trabalho desenvolvido ao longo destes últimos anos ajudará, com certeza, a enfrentar os desafios que aí vêm. Estou certo que todos os elementos da Banda do Exército continuarão, com as suas capacidades e dedicação, a elevar o nome da nossa banda, assim como o nome do Exército Português.

O meu obrigado a todos os leitores do boletim, a todos os que contribuíram com conteúdos ou que os sugeriram e, por último e não o menos importante, aos nossos beneméritos patrocinadores.

A todos, o meu muito sincero bem-haja.

Lisboa, 25 de Março de 2014

O DIRETOR DA DIREÇÃO DE SERVIÇOS DE PESSOAL

Aníbal Alves Flambó
Flam.

ANÍBAL ALVES FLAMBÓ
MAJOR-GENERAL

Prefácio



É com especial orgulho e muita honra que tenho o privilégio, uma vez mais, de escrever o prefácio deste Boletim. A publicação de mais uma edição da Eurídice, na circunstância a décima primeira, consolida uma década de compromisso com a matriz editorial a que nos propusemos, no início deste desiderato. Daí resulta a exposição, através da escrita, da cultura que emana da Banda Sinfónica do Exército, dos padrões de intervenção artística e institucional a que está superiormente sujeita, no âmbito da sua missão, a que se complementam iniciativas artísticas originais que as páginas deste Boletim sempre traduzem.

Neste número, o nosso enfoque é direcionado para as ações materializadas no ano anterior, em torno dos *Vinte e Cinco Anos da Instituição Banda Sinfónica do Exército*. Assim, condensamos de forma simples e devidamente ilustrada, os vários momentos que marcaram estas comemorações. Os artigos: “*Concerto Comemorativo do 25º Aniversário da BSE*”, “*Ciclo de Concertos com as Bandas Militares das Forças Armadas e das Forças de Segurança*”, “*Seminário consubstanciado na temática das Bandas Militares – História e Atualidade*”, são todos expressivos dos vários momentos de natureza artística, social e cultural, que permitiram aprofundar laços e abrir novos horizontes entre as

instituições envolvidas, saindo prestigiada a *Música* e a Instituição que nos tutela – o *Exército*.

Esta foi a consagração de uma época de grande assombro e arrojo daqueles que emprestaram o seu esforço e se entregaram com devoção a estas iniciativas gloriosas e ilustres, que marcaram um período tão importante da vida da BSE. É de toda a justiça enaltecer e agradecer aos valorosos militares músicos da BSE e em particular à Comissão Artística das Comemorações das Bodas de Prata, à equipa Editorial deste boletim, aos palestrantes do Seminário, assim como a todos os digníssimos chefes e instrumentistas das Bandas Militares das Forças Armadas e das Forças de Segurança que se ultrapassaram na dedicação e generosidade, e que se excederam na consecução dos desafios propostos.

Não queremos esquecer os nossos antepassados oficiais, sargentos e praças que se associaram a nós neste momento de elevação, aos quais queremos prestar o nosso tributo, sublinhando o quão importante foi a sua ação para os desígnios futuros desta Banda. Os nossos agradecimentos estendem-se aos nossos patrocinadores, aos quais envio uma palavra de gratidão pelo imprescindível apoio. Reservoo um agradecimento especial para a Escola Superior de Música de Lisboa e aos seus interlocutores pela forma como acarinharam e apoiaram as iniciativas da BSE, cedendo os seus espaços culturais para o Seminário e Ciclo de Concertos, o que enalteceu sobremaneira cada um dos momentos vividos.

Nesta edição, convidámos um dos compositores de referência da atualidade – Jan Van der Roost para uma entrevista sobre a sua produção musical, da qual temos feito eco nos nossos programas de concerto. O artigo “*Banda, In Princípio*” justifica, pela pertinência dos argumentos apresentados, relevância no nosso enquadramento editorial. Reservamos espaço para a rubrica “*Ciclo das Bandas Militares e Militarizadas em Portugal*”, inserindo um artigo histórico sobre a Banda da Armada, complementado com uma entrevista ao seu atual maestro. Finalizamos com a habitual secção das Notícias, sintetizando alguns dos momentos marcantes, vividos ao longo do ano, e mantemos informação atualizada sobre os *Cursos de Música* ministrados nesta Banda.

A multiplicidade dos projetos artísticos apresentados, conjugados em simultâneo com a diversidade das missões protocolares para que foi a BSE superiormente nomeada, releva o extraordinário profissionalismo, competência e espírito de iniciativa de todos os que servem na BSE, potenciando e promovendo igualmente a Instituição que abraçamos – o *Exército*. Mas, a importância de uma Banda com este nível de representatividade justifica uma alteração profunda do seu paradigma atual, cuja tónica basilar deverá centrar-se na criação das infra-estruturas físicas adequadas ao desempenho da sua missão.

Quartel em Queluz, 25 de Março de 2014

O CHEFE TITULAR DA BANDA SINFÓNICA DO EXÉRCITO

JOÃO MAURÍLIO DE CAIRES BASÍLIO
MAJOR CHEFE DE BANDA DE MÚSICA

Com o **LUSITANIA MOTORE** é assim:

**QUANTO MENOS ANDA,
MENOS PAGA!**



**SEMPRE PROTEGIDO
COM AS MELHORES COBERTURAS.**



LUSITANIA
SEGUROS

www.lusitania.pt



Concerto Comemorativo 25^o Aniversário Banda Sinfónica do Exército

TEXTOSarg MUS Ana Francisco

FOTO CAVE

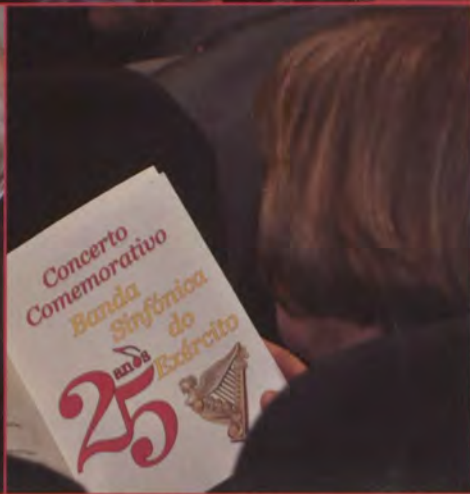
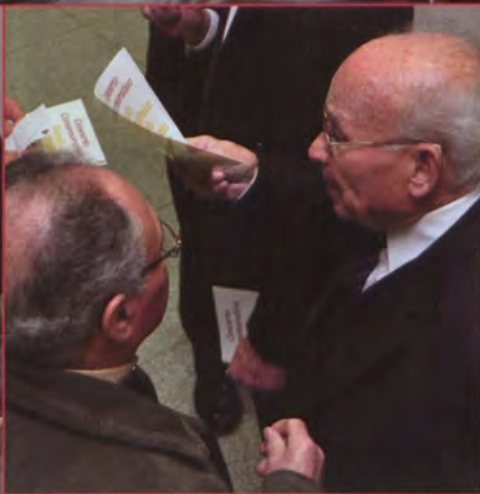


Em 11 de Abril de 2013, pelas 21 horas e 30 minutos, a Banda do Exército iniciou um novo capítulo na sua história. Tratou-se de um momento de extraordinário relevo, as comemorações dos 25 anos da sua existência! Os episódios desse capítulo foram desenvolvidos ao longo de todo o ano de 2013 e não poderiam ter começado de melhor forma senão com um concerto comemorativo levado a cabo pela instituição aniversariante: a Banda do Exército. O concerto realizou-se no Grande Auditório da Academia Militar, foi dirigido pelo chefe titular da Banda do Exército, Major CBMus João Maurílio de Caires Basílio, teve como convidado o tenor Carlos Guilherme e contou com a presença das mais altas entidades dos três ramos das forças armadas, nomeadamente o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Artur Neves Pina Monteiro, o Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada, o Vice-Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, o Chefe da Casa Militar da Presidência da República, General Carvalho dos Reis; contou também com

a presença de outras entidades militares e civis e como não poderia deixar de ser, contou com a presença daqueles que, ao longo do tempo escreveram a história da Banda e estiveram na sua génese.



Eurídice



Os motivos que levaram a celebrar esta data foram muitos e bons e por isso foi uma grande noite musical, levando até ao público o testemunho de todos os efetivos que integraram a Banda do Exército. Volvidos 25 anos desde a sua criação, muita coisa mudou, mas a entrega foi sempre a mesma, total e incondicional. A Banda do Exército tem aproximado cada vez mais a família militar do cidadão comum, promovendo e divulgando a cultura musical, transmitindo uma imagem sólida e coesa da instituição militar. Foi um concerto recheado de momentos de grande importância. O primeiro deles foi a atribuição do prémio ao vencedor do Concurso de Composição para Orquestra de Sopros, que decorreu em 2012/2013 através de uma parceria com a Fundação Inatel, com o intuito de fomentar e valorizar a escrita musical para orquestra de sopros. A obra vencedora desta primeira edição foi "O Viajante" de Pedro Cabral Santos, que subiu ao palco para receber o prémio que foi entregue pelas



mãos do presidente do Conselho de Administração da Fundação Inatel, Prof. Dr. Fernando Ribeiro Mendes e por Sua Excelência, o General CEME Artur Neves Pina Monteiro, que se dirigiu à banda para dizer umas calorosas palavras e felicitar os seus 25 anos. O Chefe do Estado-Maior do Exército, General Pina Monteiro, salientou o facto de a Banda do Exército ser uma das três bandas que as forças armadas merecem. Saudou as bodas de prata da BE sem esquecer que as suas raízes são bem mais profundas: *"... a Banda do Exército, como qualquer outra banda militar tem para os militares um significado muito especial, pois são elas que marcam o ritmo, são elas que nos guiam. A Banda significa identidade, cultura, tradição, afirmação e por isso é com todo o gosto que hoje, aqui, lhe oferecemos as nossas palmas e que o Comandante do Exército se associa a este evento tão especial saudando a banda e todos os músicos militares que servem a mesma causa: servir Portugal!"*





O concerto prosseguiu com o tenor Carlos Guilherme, detentor de uma carreira com mais de 30 anos de experiência, com inúmeros prémios e aclamado pela crítica em inúmeros países, sendo o tenor mais conhecido no panorama musical português. Carlos Guilherme foi subtil e magistralmente acompanhado pela Banda do Exército tanto no estilo operático, com duas das árias mais marcantes do repertório operático, como num estilo mais descontraído com obras de Leonard Bernstein, George Gershwin, entre outros.

Outro episódio importante ocorrido ao longo do concerto foi o lançamento de um Troféu Comemorativo dos 25 anos da Banda do Exército. Trata-se de um troféu em cristal, de beleza ímpar, fora das linhas padrão daquilo que é habitual, que marca a passagem de um quarto de século. A banda fez questão de entregar o primeiro exemplar ao mentor do projeto Banda do Exército, como hoje a conhecemos, o Tenente-Coronel na reforma, Ferreira da Silva, que sem qualquer tipo de vaidade, fez voltar ao passado toda a assistência, revivendo o dia em que este projeto lhe nasceu nas mãos. Foi, sem dúvida, um momento de muita ternura, onde as emoções tomaram conta de todos ali presentes.



11

Abril 2013

Banda Sinfónica do Exército

Grande Auditório da Academia Militar

21h30**Programa****James Barnes** [1949]*Symphonic Overture***Pedro Santos** [1989]*O Viajante, Poema Sinfónico****Giuseppe Verdi** [1813-1901]*Grand March, da Ópera Aida***Giacomo Puccini** [1858-1924]*Nessun Dorma, da Ópera Turandot***Giuseppe Verdi***La Donna è Mobile, da Ópera Rigoletto***Leonard Bernstein** [1918-1990]*Candide Overture***George Gershwin** [1898-1937]*I Got Plenty Of Nothing**Summertime**It Ain't Necessarily So, da Ópera Porgy and Bess***Gerónimo Gimenez** [1854-1923]*El Baile de Luis Alonso, Intermezo***Pablo Sorózábal** [1897-1988]*No puede ser, Zarzuela La Tabernera Del Puerto***Augustin Lara** [1897-1970]*Granada***Joaquim Luíz Gomes** [1914-2009]*Patrono do Exército, Marcha***Major CBMus João Basílio** *Direção Musical*
Carlos Guilherme *Tenor*

* Estreia Absoluta

Os acordes fizeram-se ouvir de novo e a música tomou conta do palco novamente até ao momento de mais um ponto alto da noite: o lançamento da Eurídice N°10. Decorria o ano de 2004 quando a Banda do Exército lançou uma revista pioneira e única em Portugal que visava ser um fórum de artigos de natureza cultural com reflexões de interesse sobre temas musicais. Passaram 10 anos e a revista manteve-se, sempre atual. É, sem sombra de dúvidas, um dos estandartes e emblemas mais importante da Banda do Exército. Serviu o concerto para, simbolicamente, assinalar uma década de trabalho resultante no n° 10 da Revista Eurídice.

A noite já ia longa quando o concerto terminou de forma apoteótica ao som do emblemático hino "Patrono do Exército", de Joaquim Luíz Gomes, entoado pelo tenor Carlos Guilherme e pelos músicos da Banda do Exército, que orgulhosamente cantaram as muito honrosas palavras da sua letra, levando ao rubro a plateia qua retribuiu com calorosos e fortes aplausos.



Ciclo de Concertos 25^o Aniversário Banda Sinfónica do Exército

TEXTO SAj MUS Luís Correia

FOTO CAVE

CICLO DE CONCERTOS
ENTRADA LIVRE
AUDITÓRIO VIANNA DA MOTTA
ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA DE LISBOA
CAMPUS DE BENFICA DO IPL, 1500-651 LISBOA
www.esml.ipl.pt

Banda Sinfónica do Exército
25 anos

19 MAIO, 16H30
BANDA DE MÚSICA DA FORÇA AÉREA

16 JUNHO, 16H30
BANDA SINFÓNICA DA PSP

6 OUTUBRO, 17H
BANDA DA ARMADA

20 OUTUBRO, 17H
BANDA SINFÓNICA DA GNR

24 NOVEMBRO, 17H
BANDA SINFÓNICA DO EXÉRCITO
Sob a DIREÇÃO DO MAESTRO ALBERTO ROQUE

Organização: Banda Sinfónica do Exército

Apoio: 



Integrado nas comemorações dos 25 anos da instituição da Banda Sinfónica do Exército decorreu durante o ano de 2013 um Ciclo de Concertos no Auditório *Vianna da Motta* da Escola Superior de Música de Lisboa (ESML). Com organização da Banda do Exército (BE) e apoio da ESML, divididos por cinco domingos, de Maio a Novembro, neste participaram as bandas representativas dos Ramos das Forças Armadas e das Forças de Segurança. Aqui se proporcionou a oportunidade, infelizmente rara nos dias que correm, de ao público em geral e aos músicos em particular, se apresentarem as principais bandas profissionais do nosso país numa mesma sala de concertos, de serem ouvidas as suas diferentes, mas apelativas escolhas de programa, os seus solistas e maestros. Felizmente o nosso repto foi bem acolhido por todas as instituições sem exceção, o que demonstra a necessidade imperiosa de se aprofundarem as sinergias entre as bandas militares por um lado, e por outro entre estas e as instituições culturais e académicas na partilha e divulgação de projetos. O ouvinte teve assim um panorama heterogéneo de formações e programas - desde transcrições de obras clássicas ao repertório original para banda, concertos a solo e primeiras audições de obras de compositores portugueses! O Auditório *Vianna da Motta*, palco deste evento, é o espaço privilegiado da nova ESML, Prémio Valmor 2008 com projeto do arquiteto Carrilho da Graça, faz parte do Campus de Benfica do Instituto Politécnico de Lisboa. A escola herdeira do antigo Conservatório Nacional, foi criada em 1983 na sequência da reforma do ensino artístico, e nela se formam ao mais alto nível intérpretes, compositores e docentes do ensino especializado da música. Mais recentemente, fruto das novas instalações, integra também as áreas de Jazz, Tecnologias da Música, Música na Comunidade e Direção de Orquestra de Sopros.



Iniciou este ciclo de concertos, no dia 19 de Maio, a **BANDA DE MÚSICA DA FORÇA AÉREA**. Criada em 31 de Dezembro de 1957 na dependência da então Secretaria de Estado da Aeronáutica, atualmente depende diretamente do Chefe do Estado-Maior da Força Aérea e toda a sua atividade é coordenada pelo seu Chefe de Gabinete. Considerada como um órgão titular de Coronel Aeronáutico, distintivo privativo da Força Aérea que, com ele caracteriza todas as suas Unidades e Órgãos, a Banda ostenta no seu Brasão de Armas a divisa: "SERVINDO COM ENGENHO E ARTE" (do site: www.emfa.pt). Dirigida pelo Tenente-Coronel Élio Murcho apresentou o seguinte programa:

OLYMPICA, Jan V. Der Roost
FANTASY VARIATIONS, James Barnes
DANZON N.º 2, Arturo Marquez
CURTAIN UP, Alfred Reed
DANZAS CUBANAS, Robert Sheldon
(extra – El Cumbanchero)

"Foi com muito gosto que a Banda de Música da Força Aérea se associou às Comemorações das Bodas de Prata da Banda Sinfónica do Exército, apresentando-se em concerto no passado dia 19 de maio, no Auditório Vianna da Motta, inserida no Ciclo de Concertos de Bandas Militares.

Quero expressar as minhas felicitações por esta iniciativa que, permitiu às Bandas Militares e das Forças de Segurança apresentarem o trabalho de elevada qualidade, que vêm desenvolvendo no nosso panorama artístico musical e que é, sem dúvida, um referencial da nossa cultura.

Aproveito para agradecer publicamente o convite para a participação neste evento e desejo à Banda Sinfónica do Exército os maiores sucessos no futuro."



O SUPERINTENDENTE DA BANDA DE MÚSICA
Élio Luís Salsinha Murcho TCOR/CHBM

A 16 de Junho tivemos a **BANDA SINFÓNICA DA POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA**. Esta teve origem num agrupamento de elementos policiais com conhecimentos de música que pertenciam ao então Comando Distrital da PSP de Lisboa.



Eurídice

A partir de 1979, sob a Chefia do Major Silvério de Campos, aquele agrupamento evoluiu para um estágio de absoluto desenvolvimento artístico, o que permitiu concretizar a realização de um velho sonho de todo o pessoal da Polícia de Segurança Pública - integrar no seu efetivo uma Banda Sinfónica oficial (www.psp.pt). Como nota de rodapé, diga-se que tanto o maestro como a solista fizeram parte da Banda do Exército, pelo que foi com especial emoção que a *Agente Fátima Juvandes* dedicou a sua atuação à BE.



O programa conduzido pelo *Comissário* José Brito foi o seguinte:

SEMIRAMIDE, Abertura, G. Rossini (trans. F. Brito)
SUITE, H. Villa-Lobos (trans. J. Bilik)
CONCERTINO FOR MARIMBA AND BAND, A. Reed
(solista - *Agente Fátima Juvandes*)
THE WIND IN THE WILLOWS, J. De Meij
ESTAMPES MEDITERRANIES, L Magenti i Chelvi
(extra – Hino-Marcha “Pela Ordem, Pela Pátria”,
música - Ilídio Costa, letra - *Chefe Amélia Santos*)

“... é para nós, Banda Sinfónica da PSP, uma enorme honra fazer parte das comemorações do 25º aniversário da Banda Sinfónica do Exército. É uma honra pessoal, pois eu fiz parte da criação desta Banda, há 25 anos atrás! Fui um dos primeiros colocados da então aplicada inamovibilidade! É uma honra coletiva dado que muitos dos elementos que pertencem ou pertenceram à Banda Sinfónica da PSP passaram pelas fileiras da Banda do Exército ou de alguma Banda pertencente ao Exército, por períodos mais ou menos longos! E por coincidência, termos no nosso quadro o primeiro elemento feminino que integrou uma Banda do Exército, a percussionista Fátima Juvandes. Parabéns à Banda Sinfónica do Exército, ao Exército e que nos encontremos cá todos de novo nas comemorações dos 50 anos da vossa Banda!...”

O CHEFE EM EXERCÍCIO DA BANDA SINFÓNICA DA PSP
José Ferreira Brito COMISSÁRIO



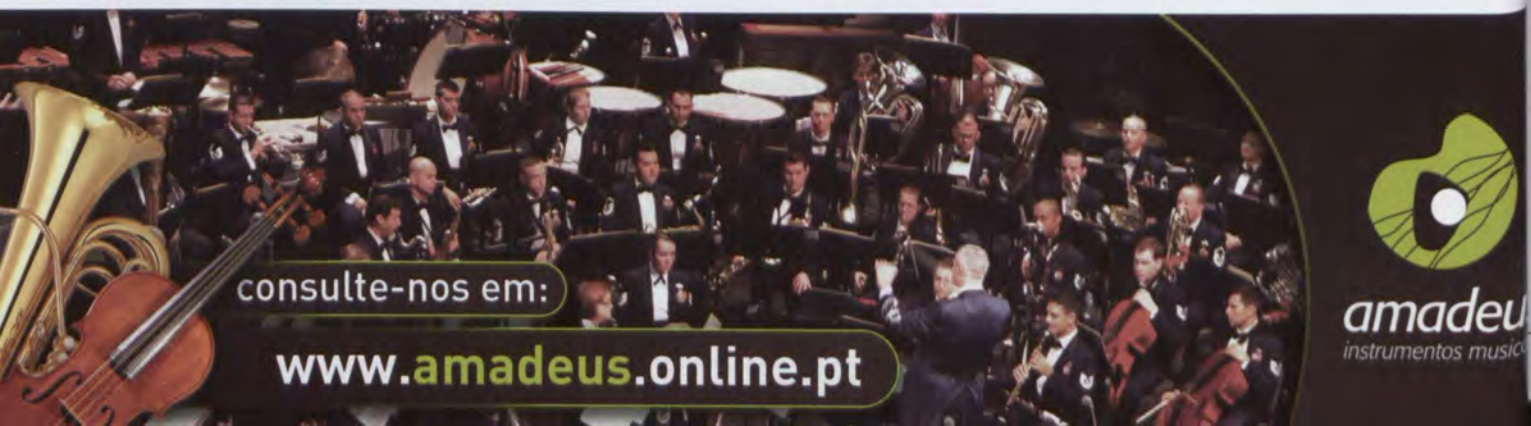
O terceiro concerto deste ciclo, efetuou-se a 6 de Outubro pela **BANDA DA ARMADA**. Ao longo dos mais de quinhentos anos de existência de formações musicais na Armada, estas sofreram inúmeras alterações, desde a designação ao número de elementos que as constituíram. Presentemente, a Banda dependente do Chefe de Estado Maior da Armada através da Comissão Cultural da Marinha, conta com 113 músicos, muitos dos quais com formação superior e com uma média etária de 33 anos. Fruto do esforço de renovação e dinamização levado a cabo nos últimos anos, os resultados refletem-se na grande visibilidade nacional e internacional das suas atuações ao vivo e na constante gravação e edição de discos compactos (www.marinha.pt).

Sob a direção do 1.º Tenente Délio Gonçalves interpretaram:

ABERTURA FESTIVA, D. Shostakovich
DANSE FUNANBULESQUE, Jules Strens
VASA, J. Suñer Oriola
LEMBRANÇAS DO MAR, A. Rodriguez
DANZÓN N.º 2, A. Marquez
(Extra – Marcha dos Marinheiros)

“(...)tanto o Exército como a Armada, nas suas organizações têm música, aliás a história da música nas suas instituições confunde-se com a própria organização em si, seja ela por aspetos lúdicos, seja por aspetos de âmbito militar. É claro que as Bandas evoluíram ao longo da sua história, hoje têm composições distintas, e esta Banda com este cariz Sinfónico era algo que fazia falta no Exército.

Nós, na Banda da Armada, apesar de não termos essa terminologia - a Banda da Armada já é uma Banda Sinfónica há muitos anos... é com muita felicidade que comungamos com este aniversário e com esta criação... hoje as nossas Bandas militares têm de ter um papel fundamental



consulte-nos em:

www.amadeus.online.pt

amadeu
instrumentos musicais



na aculturação dos seus próprios ramos, nós através das nossas atuações, do profissionalismo dos nossos elementos, procuramos estimular o público que nos vem ouvir e desta forma promover a abertura à sociedade e isso é muito importante atingir.

Penso que a grande maioria da Banda da Armada passou por esta Escola e por outras escolas semelhantes a esta, temos aqui pro-

fessores e o Exército também e isso é para nós um motivo de grande orgulho. Significa que a nossa instituição está repleta de profissionais ao mais alto nível e espero que assim permaneça, ...e que não só as nossas organizações, mas também a nossa sociedade compreenda o papel fundamental e importantíssimo que temos, que é transversal a uma sociedade que se alimenta da nossa cultura. Por isso mesmo é importante esta iniciativa que partiu da Banda Sinfónica do Exército e por isso estaremos sempre prontos a colaborar.”

O CHEFE DA BANDA DA ARMADA

Délio Gonçalves 1.º TENENTE

(extrato da intervenção feita no final do concerto)

Ainda no mesmo mês, a 20 de Outubro apresentou-se a **BANDA SINFÓNICA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA**. Em 1838, por decreto de D. Maria II, nasce a Banda da Guarda Municipal que, mais tarde, com a implantação da República, passou a chamar-se Banda de Música da Guarda Nacional Republicana. Atualmente está na dependência da Unidade de Segurança e Honras de Estado e constitui um dos órgãos que o Ex.mo Comandante-Geral tem à sua disposição para, no âmbito das atividades de representação a nível do Protocolo de Estado, participar em cerimónias militares, culturais e recreativas e de divulgação da GNR. A elevada especialização dos seus componentes e o seu amplo e valioso arquivo permitem que a Banda atinja um nível artístico de exceção.



Dirigida pelo seu Chefe - *Capitão* João Cerqueira (também ele um ex elemento da BE), apresentou um programa exclusivamente de compositores portugueses e com duas estreias:

FLOCOS DE NEVE, Duarte Ferreira (Pestana)
RAPSÓDIA EM FADO, Joaquim Luís Gomes
FANTASIA INFANTIL, op.4 (1.ª audição), Nelson Jesus
VITAE (1.ª audição), José Silva Martins
SINFONIETA N.º 1 para Orq. de Sopros, Alexandre Almeida
(Extra – Dança Macabra, Saint-Saëns)

“Cheguei à Banda Sinfónica do Exército precisamente no ano da sua criação oficial por Despacho do Ex.mo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Firmino Miguel. Como jovem clarinetista e em início de carreira como músico militar, tive o privilégio de pertencer a uma geração com a exaltação própria de quem viveu esse momento.

Conscientes da tradição musical existente no Exército, sentimos que com a criação oficial de uma Banda com as características sinfónicas já então existentes nos outros Ramos das Forças Armadas, seríamos a geração com a responsabilidade de dotar o Exército Português com um órgão musical de elevada qualidade militar e musical. Convictos das dificuldades desse projeto, sentiu-se uma mobilização geral na procura de evoluirmos tecnicamente para podermos estar à altura da enorme responsabilidade.

O sonho do Exército Português poder ter uma Banda Sinfónica que ombreasse com as outras Bandas militares e Forças de Segurança nasceu naquele momento da criação da Banda Sinfónica do Exército.

Passados 25 anos, foi com enorme satisfação e orgulho que como Maestro e Chefe da Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana participei no Ciclo de Bandas Militares inserido nas comemorações do 25.º aniversário da Banda Sinfónica do Exército, organizado pelo Exército Português.

A 20 de Outubro de 2013, no Auditório Vianna da Motta na Escola Superior de Música de Lisboa, a Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana sob a minha direção apresentou um programa exclusivamente de compositores portugueses, todos pertencentes a esta prestigiada Banda Militar. Foi a minha forma de homenagear a Banda Sinfónica do Exército e demonstrar a satisfação pelo trajeto conseguido ao longo destes 25 anos, numa “narrativa musical” desprestenciosa, tendo bem presente o sonho iniciado há um quarto de século e que embora não esteja ainda cumprido, poder saudar todos os camaradas que hoje com elevado profissionalismo e sentido de responsabilidade, continuam com empenho e dedicação a trabalhar na construção da Banda Sinfónica do Exército.”

O CHEFE DA BANDA SINFÓNICA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

João Afonso Cerqueira CAPITÃO



Eurídice



Foto: Sofia Lima

Coube então à aniversariante o fechar do ciclo a 24 de Novembro, e de uma maneira muito especial – com um maestro convidado. Neste que foi também o Concerto de Encerramento das Comemorações do 25.º aniversário a **BANDA SINFÓNICA DO EXÉRCITO** apresentou-se sob a batuta do *Maestro* Alberto Roque, professor da ESML, instituição que tão generosamente acolheu esta iniciativa, onde muitos dos músicos militares estudam ou estudaram, e onde presentemente em protocolo com a Academia Militar se formam os futuros Chefes de Banda de Música do Exército. O programa criteriosamente escolhido pelo maestro (que abaixo nos explica as suas opções) foi o seguinte:

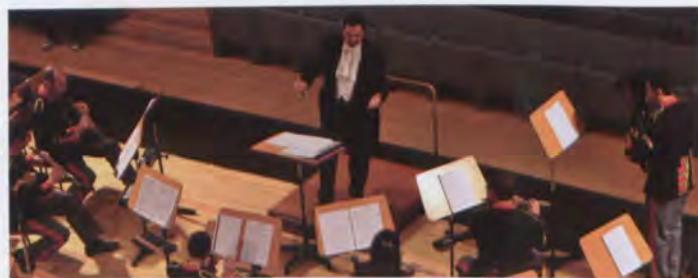
HAMMERSMITH, Gustav Holst
THE GREEN HILL, Bert Happermont
(solista – 1.º Sargento Bruno Pascoal)

1.ª FANTASIA POPULAR PORTUGUESA, J. L. Gomes
CHILDREN'S MARCH, Percy Grainger
TALENT DE BIEN FAIRE, Jorge Salgueiro
MARCHA CONCERTANTE, J. L. Gomes
(extra – Marcha Patrono do Exército, J. L. Gomes)

“Foi com especial honra que aceitei o convite da chefia da Banda Sinfónica do Exército, no sentido de dirigir o concerto de encerramento do ciclo de concertos de Bandas Militares no auditório Vianna da Motta da Escola Superior de música de Lisboa. O concerto a realizar no dia 24 de Novembro revelava-se um grande desafio e uma não menor responsabilidade, tendo em conta a expectativa criada em torno dos vários concertos apresentados. Seria muito importante fazer uma escolha de repertório adequada e motivante, quer para o público quer para os músicos da Banda Sinfónica do Exército. Seguindo a filosofia que me tem orientado ao longo destes anos, enquanto maestro da Orquestra de Sopros da Escola Superior de Música de Lisboa, considerei que seria inevitável escolher alguma obra de referência para estas formações, surge assim a obra “Hammersmith” de Gustav Holst, esse génio da música britânica que nos deixou algumas páginas incontornáveis de música para banda. A música portuguesa é outra das orientações que me tem seguido e não faria sentido dirigir uma banda profissional portuguesa sem apresentar alguma da nossa música. Por gosto pessoal, e porque considero a sua música uma verdadeira paisagem sonora cheia de cor e raízes portuguesas, escolhi apresentar duas obras de Joaquim Luís Gomes, do qual se comemora em 2014 o centenário do seu nascimento. A “1ª Fantasia Popular Portuguesa” e a sua “Marcha Concertante”, sendo que esta última encerrou uma parte do concerto que considerei inevitável abordar: as marchas, esse género musical tão subestimado e por vezes

tão mal tratado por se associar a uma prática cheia de rotinas que são os desfiles ou paradas militares. Era para mim muito importante partilhar com os excelentes músicos da Banda Sinfónica do Exército a qualidade musical que muitos compositores depositaram nas suas marchas. Nesse sentido o programa teve três marchas bem distintas, as quais ilustraram possíveis abordagens estilísticas desse género musical. Percy Grainger, Jorge Salgueiro e Joaquim Luís Gomes foram os compositores escolhidos, para nos provar que as marchas são música de qualidade e devem ser interpretadas com a atenção que merecem. Por último, seria também importante poder destacar a qualidade individual de algum intérprete da Banda Sinfónica do Exército, a qual tem sem dúvida muitos com elevada qualidade. A escolha recaiu sobre o instrumento Bombardino, o qual foi brilhantemente interpretado pelo 1º Sargento Músico Bruno Pascoal, escolhendo este último a obra “The Green Hill” de Bert Appertmont, para nos proporcionar um mágico momento sonoro, com uma interpretação técnica e musical irrepreensível. Os dias de ensaios e o concerto serão momentos que guardarei na minha memória para o resto da vida. A partilha, disponibilidade e motivação oferecida por todos os músicos foi algo que qualquer maestro procura ao longo da sua carreira e nem sempre é fácil encontrar todos esses ingredientes! Obrigado à Banda Sinfónica do Exército por todos esses bons momentos, obrigado à sua chefia pelo convite e confiança que depositaram em mim e por último um agradecimento ao meu colega SAJ Luís Correia, pelo seu incondicional apoio e envolvimento neste ciclo de concertos, e também aos estudantes da ESML: Catarina Rico (Flauta), Fernando Loura (Piano) e Ana Isabel Dias (Harpa) pelo seu contributo no concerto.”

Alberto Roque



No final do concerto o MGen DSP Aníbal Flambó dirigiu umas palavras à assistência, enquadrando as iniciativas levadas a cabo no âmbito das comemorações supracitadas, e agradecendo a todas as entidades que se disponibilizaram a colaborar com a BE, mormente a ESML, todas as Bandas envolvidas e respetivos chefes. Perante um auditório repleto, foram entregues lembranças à Direção da Escola, ao Maestro e aos três alunos que se dispuseram integrar a BE neste concerto.

Como epílogo não poderíamos deixar de agradecer encaixadamente ao Maestro Alberto Roque a disponibilidade sem reservas, demonstrada desde o primeiro momento para colaborar com a Banda Sinfónica do Exército e sublinhar a correção e o altíssimo nível do seu trabalho, que aliás ficou patente no sucesso unânime do concerto final.

Foi assim o fechar com chave de ouro deste ano muito especial e que certamente irá perdurar na memória de quantos integram a Banda Sinfónica do Exército com o espírito de inovação, do ultrapassar obstáculos internos e externos, da constante aprendizagem para a excelência e da prossecução de objetivos ambiciosos para bem servir o Exército Português.

Seminário Comemorativo dos 25 Anos da Banda Sinfónica do Exército

As Bandas de Música Militares.
História e Atualidade

TEXTO Mestre Rui Magno Pinto; TCOR ART Pedro Marquês de Sousa; SAJ Luís Correia; Comissário Ferreira Brito

FOTO Sch MUS Fernando Magalhães

Vários livros, artigos, verbetes e outros escritos têm abordado temáticas amplas como a história da música das forças militares, das forças de segurança e das bandas filarmónicas e o movimento associativista musical nacional, ou tomado como enfoque objectos de estudo mais específicos, tais como a história, actividade e funcionamento dos efectivos musicais do Exército, Armada, Força Aérea, Guarda Nacional Republicana e Polícia de Segurança Pública ou de bandas filarmónicas nacionais, o estudo biográfico de diversos músicos militares e filarmónicos, a discussão sobre o repertório português e a produção musical das editoras portuguesas

e/ou a recepção da actividade concertística de bandas militares e filarmónicas pelas audiências nacionais. A profusa redacção académica sobre bandas militares e filarmónicas tem sido acompanhada, em anos recentes, pela realização de vários seminários, palestras e painéis em congressos nacionais e internacionais, que têm potenciado um diálogo frutífero entre todos aqueles que se dedicam a este objecto de estudo.

No passado dia 24 de Maio de 2013, os órgãos responsáveis pela Banda Sinfónica do Exército encetaram uma similar realização, mediante a organização de um Seminário comemorativo dos 25 anos desta instituição musical, dedicado ao estudo das Bandas militares (e, por consequência, das suas congéneres filarmónicas), com enfoque amplo na exposição histórica e actual da sua actividade, do seu funcionamento, do seu repertório e dos seus executantes músicos. Adiante encontram-

-se reunidos os resumos das quatro comunicações, gentilmente cedidos pelo Tenente Coronel Pedro Marquês de Sousa, Professor Luís Tomé Correia, Mestre Rui Magno Pinto e Comissário José Manuel Ferreira Brito.

A iniciativa dos órgãos responsáveis pela Banda Sinfónica do Exército muito apraz a todos aqueles que se encontram ou encontraram associados a bandas militares e filarmónicas e aos que se dedicam ao seu estudo. Urge então um empenho desta instituição na prossecução de tais realizações enquanto espaços de exposição e discussão sobre o estudo dos seus agrupamentos musicais e dos seus membros-músicos, (englobando assim o associativismo musical nacional), na

procura de um mais amplo, apurado e crítico entendimento do movimento nacional das bandas militares e filarmónicas civis.

As Bandas militares na história da música em Portugal

Tenente-Coronel Pedro Marquês de Sousa

No âmbito das comemorações do 25º aniversário da Banda Sinfónica do Exército, consideramos pertinente destacar que a história deste tipo de agrupamento e da sua prática musical não teve ainda a justificada presença no contexto da história da música em Portugal. A história das bandas e da sua prática musical ainda não foi suficientemente elaborada, não sendo por isso conhecida de maneira geral, nem pelos próprios músicos profissionais nem pelos amadores ligados à grande comu-

Percurso do músico militar

Luís Miguel Tomé Correia

Mestre em Artes Musicais, FCSH/Univ. Nova de Lisboa

Professor de Fagote e Música de Câmara da ESML

Sargento Ajudante Músico (SAj Mus)

Esta comunicação pretendeu caracterizar o papel do músico militar nos séc. XIX e XX, tendo em paralelo a própria evolução da música e em particular da música militar em Portugal. Baseada fundamentalmente nas biografias mais completas que chegaram até nós de dois músicos militares **Eduardo Neuparth** e **José Cândido Martinó**.



Pretendeu-se demonstrar a validade do papel da banda e a constante presença do *músico militar* na evolução da música em Portugal; como participante e contribuinte decisivo para o meio musical português, como condicionador da política cultural local e nacional, intervindo nos domínios mais elevados da arte musical ao longo dos tempos, mas também no domínio prático, mais pragmático de ator no terreno em empreendimentos que gravitam à volta da sua atividade, fazendo-se assim também um retrato do ambiente sócio-cultural de dois séculos.

Com *Erdmann (Eduardo) Neuparth* (1784-1871) vivemos por dentro a deambulação pelas Guerras Napoleónicas, pela corte de D. João VI, no Brasil e em Portugal, e pelas suas diferentes atividades, inclusive empresariais em torno da música, que deixaram rasto até ao presente. Podendo ser este caso um exemplo extremo do músico romântico aplicado à vida militar, idealista, empreendedor, que a troco da oportunidade de continuar a exercer a sua arte deambula pelos mais diversos locais e patronos. Tendo tido como mote a sua autobiografia, escrita em 1869 aos 85 anos(!), e que constitui um documento raro e crucial para o conhecimento da atividade do músico em Portugal no séc. XIX. Personagem transversal aos principais acontecimentos políticos e musicais da sua época, deixou-nos um envolvente relato do seu percurso. Neste exemplo salientaram-se as similitudes com a condição do músico errante na Europa de oitocentos, pois a banda militar não é parte intrínseca do quartel, mas um apêndice

contratado para uma função acessória, mais social do que militar, daí a facilidade com que passa por várias fações opostas durante as guerras, desde a sua pátria – Alemanha, até ao nosso país (onde entra em 1814 com o regimento de Gomes Freire). Em Portugal encontramos-lo como músico no *Teatro da Rua dos Condes*, na orquestra do *S. Carlos* e na *Real Câmara*, como *mestre de música* da nau *D. João VI* e nas *Reais Cavalariças* (Brasil), e também como fundador do *Montepio Filarmónico* e empresário – *Casa Neuparth*/Valentim de Carvalho. Complementando a apresentação na sua faceta de compositor/arranjador, como se espera de um *mestre de música*, ouviu-se música composta pelo próprio, que se encontra nos arquivos da Biblioteca Nacional e que foi posteriormente gravada pelo *Ensemble Neuparth* (2006).

Na segunda parte, seguindo a vida de *J. C. Martinó*, substanciada no livro publicado em 1999 pelo seu neto António Miguel Martinó, revelamos um testemunho único para a compreensão da história da música militar em Portugal desde as últimas décadas da Monarquia ao Estado Novo, passando pela crise latente da música militar na I República e o relato impressionante, testemunhado na primeira pessoa, do que foi a experiência de um músico e da sua Banda na 1.ª Guerra Mundial,

JL Luthier

Jorge Lopes

**Reparações e
Manutenção
Instrumentos de Sopro**

jorgelopes67@gmail.com
www.jorgelopesluthier.com

Rua São Luís de Gonzaga,
N.º 33 A - FREIRIA - Leiria
2420-117 CARANGUEJEIRA
Telf.: 244 046 947
Telm.: 916 358 573

Eurídice



nidade das bandas de música em Portugal. Assim a nossa comunicação no seminário comemorativo do aniversário da Banda Sinfónica do Exército aborda os seguintes pontos: Origem e evolução do modelo organológico das bandas; Caracterização dos repertórios das bandas; e a influência das bandas militares na origem e desenvolvimento do movimento filarmónico em Portugal.

A origem do modelo organológico das bandas de música que se manteve até à década de trinta do século XX, ocorreu em meados do século XIX, designadamente entre 1840 e 1860, num período que coincide também com a consolidação do modelo orgânico da orquestra sinfónica romântica (entre 1830 e 1910). Durante o segundo quartel do século XIX, a incorporação dos novos modelos de instrumentos de sopro cromáticos, quer da família dos metais, especialmente as trompas e os cornetins, e também dos instrumentos de madeira com novos sistemas de chaves com sapatilhas, conferiu à banda de música a possibilidade do cromatismo total, que até então não dispunha. Entre 1840 e 1860, o modelo francês proposto por A. Sax foi aquele que foi seguido em Portugal como o modelo de organização instrumental moderno, com a adoção de diversos instrumentos criados por este construtor, que no essencial se mantiveram sem alterações até à atualidade. Após ligeiras alterações, foi na década de 1870 que ocorreu em Portugal a consolidação do modelo organológico típico português, com 24 a 28 músicos: 1 flautim, 1 requinta, 6 clarinetes, 2 saxofones, 4 cornetins (eventualmente com 1 fliscorne), 2 sax-trompas, 2 a 3 trombones, 2 barítonos, 3 baixos e 3 a 4 percussionistas. Através das partituras da época podemos verificar a adoção deste modelo organológico nas bandas militares e civis, ao mesmo tempo que se verifica um padrão ao nível das formações da banda (posição dos naipes dentro do grupo), em concerto e em desfile, reproduzindo no meio civil a influência direta das formações regulamentares do exército. Neste domínio, tal como no caso do diapasão de referência seguido nas bandas (diapasão brilhante), podemos confirmar que as bandas militares constituíram a referência dominante na prática musical das bandas civis.

Em relação ao repertório das bandas podemos considerar que, do século XIX e até à década de vinte do século XX, temos uma tipologia de repertório com base em três grandes grupos: marchas, géneros de dança e obras de concerto. As marchas, como herança da música militar, apresentavam diversas variantes conforme a sua função e o contexto performativo, desde os ordinários (para desfile), os passos dobrados, as marchas graves (procissão) e as marchas fúnebres. Neste grupo incluímos também os hinos e a nova tipologia de “marcha de concerto” que surge no repertório das bandas já no século XX por influência das marchas solenes das óperas e das marchas para orquestra. Relativamente aos géneros de dança (valsas, polcas, mazurcas, etc.) e às peças de concerto (temas operáticos, fantasias, suites, rapsódias, etc.) destacamos a presença deste tipo de obras nos concertos, relevando que neste domínio se distinguem as duas categorias de bandas, militares (profissionais) e civis (amadoras) e a sua prática performativa no meio urbano e rural. Tendo em conta as diferenças ao nível das capacidades performativas entre as bandas militares constituídas por músicos profissionais ensaiando diariamente e as bandas civis (filarmónicas), constituídas principalmente por músicos amadores. Ao longo do século XX iremos assistir ao gradual abandono dos géneros de dança, ao mesmo tempo que surge um repertório de cariz mais sinfónico, acompanhando a evolução do modelo organológico que regista o aparecimento nas bandas militares dos instrumentos de palheta dupla (oboés e fagotes), as trompas de harmonia, os trombones de vara, as tubas e uma valorização do naipe de percussão. O repertório das bandas de música na segunda metade do século XX refletiu a popularidade da música das grandes obras dos musicais dos teatros anglo-saxónicos e dos temas dos filmes, com adaptações feitas para banda, mais tarde com maior frequência de adaptações realizadas diretamente para banda, por compositores estrangeiros. As Fantasias, as Rapsódias e as Suites originalmente compostas para banda por autores portugueses são uma constante ao longo do século XX, juntamente com as marchas e os géneros derivados da ópera italiana, francesa e alemã do século XIX e algumas do início do século XX, que se mantêm muito presentes no repertório das bandas em Portugal. Desde o século XIX e até ao terceiro quartel do século XX, a influência das bandas militares no meio filarmónico foi muito marcante. A designação de “filarmónica marcial”, que encontramos com frequência, revela a origem militar (marcial) deste tipo de agrupamento que se generalizou na sociedade civil através do designado “movimento filarmónico”, protagonizado por músicos amadores e pelos militares (profissionais). A influência das bandas militares junto das bandas civis foi igualmente relevante ao nível da estética marcial (uniformes, formações do grupo em desfile) além do repertório e do modelo de organização instrumental.

Eurídice



através dos cerca de 500 postais enviados de França à sua filha durante esse período (fev1917-jul1918). Marcando também esta época os primeiros passos na militarização do músico nas Forças Armadas (que foi sendo dado desde a legislação de 1864, equiparando as classes de músicos a graduações militares) e o funcionamento das bandas militares antes da drástica reforma de Dezembro de 1937 que extinguiu mais de 70% das bandas existentes (de mais de 30 bandas regimentais passaram a apenas oito). Músico militar desde os 12 anos (1884, Caçadores 9, Viana do Castelo) e chefe de banda aos 22 (1894, Infantaria 22, Portalegre), aqui se observaram também as relações institucionais entre o Conservatório e as Bandas militares (a legislação de 1870 obriga a exame no Conservatório para a ascensão aos postos cimeiros da carreira de músico militar). Reflexo da conexão profunda com o meio civil, foram os exemplos apontados de frequentes notícias na imprensa local e nacional, constituindo esta um verdadeiro fórum de informação, opinião e discussão aberta sobre estes temas, com crítica aberta a opções artísticas e a disputas locais pela sua banda, fazendo um retrato muito vivo da importância social que esses organismos disseminados por todo o território nacional detinham junto das populações. Por outro lado, a participação ativa da banda militar em festividades religiosas e espetáculos sociais, bem como as atividades de José Cândido Martinó como professor de Liceu, autarca e cronista na imprensa local, deram-nos conta do papel interventivo do músico militar nos mais diversos campos da sociedade de então.



O músico militar como virtuoso na centúria oitocentista

Rui Magno Pinto (CESEM – FCSH – UNL)

O conhecimento de que hoje dispomos da profusa actividade das bandas militares e comunitárias em Lisboa, testemunhada em várias crónicas da imprensa periódica desde pelo menos os primeiros anos da vigoração definitiva da monarquia constitucional, não é, mau grado, acompanhado por um entendimento, em igual medida, do seu funcionamento e do seu repertório, por força do moroso trabalho de tratamento e catalogação dos arquivos e do conseqüente confronto de fontes, que só em tempos recentes se iniciou. Não obstante, a descrição de alguns programas de concerto na imprensa periódica, a colecção de obras musicais de compositores nacionais, realizada por musicógrafos, músicos amadores e profissionais – tais como Ernesto Vieira, Conde de Redondo, Michel'Angelo Lambertini, entre outros –, e a elaboração cuidada de catálogos descritivos de repertório por responsáveis de instituições militares e comunitárias permitem-nos ainda asseverar várias importantes tendências da *praxis* musical das bandas nacionais.

1) O repertório praticado pelas bandas militares e comunitárias adequava-se à sua actividade de índoles “simbólica” – enquanto instituições ao serviço de “aparato” ou “devoção” – ou “recreativa” – enquanto agrupamentos destinados ao entretenimento e aculturação musical da sociedade: o *corpus* de obras musicais existentes nos arquivos é constituído, no estado actual de pesquisa, por hinos nacionais, patrióticos, de instituição ou de reconhecimento social; passos ordinários, dobrados e marchas graves; aberturas; rapsódias; peças de carácter e outro repertório original para banda; transcrições (em várias disposições) de ópera, teatro, dança, cinema e de música para outros efectivos (orquestra, piano, etc.); fantasias e danças para instrumentos de sopro *a solo*, em *ensemble*, ou para banda, sobre temas originais ou com base em temas de ópera, teatro e dança; e danças estilizadas, originais ou em arranjo para banda.

2) A produção composicional para banda surge assim em conformidade com o *Apontamento e explicação para a reorganização de músicas regimentares* publicado por André Navarro em 1856. Diz-nos o autor que, a par com diversas tarefas de âmbito logístico e pedagógico, o mestre da música devia encontrar-se apto a reduzir ou aumentar as partituras de banda militar, arranjar para banda militar a música de teatro e de canto e piano, produzir repertório para banda militar através da extração de materiais musicais de óperas ou bailados e compor originalmente para o agrupamento instrumental sob a sua regência. É possível inferir que, sobretudo para a sua função “recreativa”, a banda militar tomava de empréstimo, através de transcrição, arranjo e composição, o repertório de ópera, teatro, canto e piano e bailado, então os divertimentos públicos mais apreciados pela

sociedade burguesa. Por outro lado, a redacção e publicação deste opúsculo em 1856 parecem surgir enquanto intuito de regulamentação nacional de práticas anteriores de produção de repertório para estes agrupamentos, cujos exemplos primordiais se podem também datar de meados da década de 1830, do período em que se torna mais notória a actividade das bandas militares. As bandas comunitárias – cuja disseminação procedeu desde as décadas seguintes em todo o espaço nacional – terão bebido da mesma fonte, fruto da mesma importância do gosto musical público português, mas, sobretudo, pela actividade desenvolvida por músicos militares enquanto regentes, pedagogos, arquivistas e músicos nestas instituições, bem como pela circulação de repertório entre instituições militares, comunitárias e entre músicos profissionais e amadores.

3) Parte do *corpus* do repertório oitocentista para banda – sobretudo as obras para instrumentos a *solo* ou em *ensemble* com acompanhamento de banda e as transcrições operáticas – requer um elevado e exigente domínio interpretativo, técnico e expressivo, o que certifica as excelentes capacidades musicais dos instrumentistas de sopro portugueses. Tal exigência técnica e expressiva encontrava-se afiliada numa tendência de fomento ao virtuosismo, ao domínio de excelência na execução de qualquer actividade em arte, ciência ou outra qualquer competência, manifestada por um especialista ou amador e reconhecida pelos demais: demonstrações de virtuosismo, são notórias na actividade dos artistas portugueses desde, pelo menos, finais do século XVIII, em vários campos artístico-performativos – música, teatro, improvisação literária, dança, ginástica, esgrima, actividades circenses, touradas, e outros espectáculos baseados em tecnologia, tais como ascensões de balão, prestidigitação, ilusionismo, óptica e fogos-de-artifício. No âmbito musical, o relato de exhibições de *virtuosi* surge-nos já nas primeiras referências a concertos públicos, realizados, no âmbito de academias de sociabilidade mundana, nas décadas posteriores ao terramoto. Tais manifestações virtuosísticas, iniciadas, sobretudo, por músicos estrangeiros, foram incitadas no decurso do século XVIII, tendo atingindo particular notoriedade, em finais do mesmo século e inícios do século XIX, a actividade de músicos estabelecidos na capital, tais como António Rodil, Giuseppe Ferlendis, os Herédia, os irmãos Jordani, entre outros (*vide* Brito, 1989; Sá Silva, 2008). As transformações políticas, sociais, culturais e artísticas decorrentes da progressiva aceitação das ideias liberais e da instituição do Liberalismo conduziram a um especial fomento das exhibições virtuosísticas: o novo regime político incrementou, a par com o envolvimento da classe média no empreendimento, gestão, promoção, sustento e avaliação dos eventos artísticos e do mercado musical, uma ampla afirmação do individualismo do artista e a sua procura pelo reconhecimento público,

o seu intuito de equiparação na realização dos mesmos feitos dos demais artistas estrangeiros e nacionais que se haviam apresentado em Lisboa e a sua consequente concepção de novos espectáculos/actividades destinadas ao agrado da mesma classe média, visando uma maior auferição pecuniária, bem como uma ascensão social meritocrática, assente na sua manifestação de conhecimento prático. Uma nova concepção de virtuosismo, que Jim Samson (2003: 70) categorizou enquanto “virtuosismo moderno”, resultou da abertura da exhibição virtuosística a uma maior audiência – decorrente da criação de mais espaços públicos, e da inclusão de Lisboa nos circuitos internacionais de *virtuosi* e do incremento à digressão de músicos nacionais – e da sua avaliação por essa recém-emergente esfera pública burguesa, que nos legou correntemente a sua apreciação dos vários artistas nacionais e internacionais em crónicas da imprensa periódica desde finais da década de 1830. O favorecimento da excelência interpretativa, da exhibição e apreciação das capacidades técnicas e expressivas do músico *virtuoso*, perpetuou-se, na programação concertística portuguesa, até às últimas décadas do século XIX nos principais concertos públicos, e até ao segundo quartel do século XX, nos eventos musicais das bandas militares e comunitárias.

A apresentação em *solo* ou *solí* de vários *virtuosi* instrumentistas de sopro em vários concertos é asseverada por várias recensões da imprensa periódica, bem como pelo *corpus* de repertório remanescente em bibliotecas e arquivos nacionais: refira-se, por exemplo, a actividade concertística dos músicos militares Francisco António Norberto dos Santos Pinto, Mathias Jacob Osternoldh, Leonardo Soller, Filipe Titel, Gaspar Campos, Caetano Drolha, Manuel Ximenes, Artur Frederico Reinhardt, João Rodrigues Cordeiro, Rafael José Croner, Carlos Campos, Manuel António Correia, Tomás Jorge, Frederico José de Carvalho e Melo, Dultra da Silveira, José Rodrigues de Oliveira, entre outros. Embora a imprensa periódica seja a fonte primordial para o conhecimento da actividade de muitos músicos militares *virtuosi*, a mesma só muito raramente nos fornece a recensão



Eurídice

dos eventos musicais das bandas militares e comunitárias. Não obstante, vários anúncios e parcos programas de concertos inclusos indicam o repertório interpretado na época, sendo possível asseverar a realização de obras para instrumento *solo* com acompanhamento de banda. Porém, raras vezes é feita menção aos seus intérpretes. Tais “intérpretes anónimos” - cuja capacidade interpretativa pode ser reconhecida nas exigentes obras *a solo* e nas ambiciosas transcrições operáticas que se conservam em arquivos - aguardam ainda estudo. A historiografia musical refere-nos a associação, a bandas militares e comunitárias, de muitos músicos, sendo atribuído particular ênfase à entrada de muitos instrumentistas de sopro estrangeiros em Portugal após as Guerras Napoleónicas: menção é feita a Erdmann Neuparth, Gaspar Campos, José Croner, Joaquim Miró, dado que, para além da sua profusa e meritória actividade, foram também os ascendentes de vários dos *virtuosi* portugueses. A referência a músicos militares na historiografia resulta também da sua relevante associação às principais instituições musicais lisboenses: às orquestras teatrais, às sociedades concertísticas diletantísticas e profissionais,

ao Montepio Filarmónico e Montepio Filarmónico Portuense (F. Santos Pinto, R. Croner, Melchor Oliver, António Avilez, A. Reinhardt, António Tabora, J. Rodrigues de Oliveira; e José Francisco Arroio) e ao Seminário da Patriarcal e Conservatório Nacional (Francisco Kuchembuch). Documentação existente no Arquivo Histórico Militar, tal como as várias “Relações dos músicos que servem no Batalhão”, permite-nos asseverar várias relações de parentesco e de pedagogia entre os *virtuosi* nacionais e instituições e músicos militares. Vários dos apelidos que constam nas ditas “Relações” são estrangeiros, o que indica que a vinda de músicos para as bandas militares nacionais prolongou-se para além do período próximo às Guerras Napoleónicas; alguns são já conhecidos, sendo possível sugerir que vários foram os músicos militares cuja descendência adquiriu notoriedade no meio musical nacional, mas que não são mencionados na historiografia: tais são os casos de Constantino Augusto Fiorenzola, de Francisco José Reinart [Reinhardt], de António Jorge Martinó, de José de Tebar [Alquim]. A grande maioria das bandas militares nacionais era regida por músicos estrangeiros. Várias disponham de um efectivo caracterizado pela existência de relações familiares: no Regimento de Infantaria (RI) 4, os Titel; no RI16, os Soller; no RI 19, os Miró; no RI 4, os Galipienço; no RI 8, os Gutierre e os Sálas; no RI 22, os Cuebas; no Batalhão de Caçadores 2, os Blanes; outras famílias de músicos, tais como os Soller e os Osternoldh, encontravam-se dispersas pelo país em vários regimentos. Para além da importância de vários núcleos familiares no âmbito das bandas militares (e comunitárias), importa também sublinhar a existência de relações de cariz pedagógico entre músicos militares e civis. A iniciação musical de muitos dos músicos nacionais procedia, na época, em âmbito familiar. No que concerne aos *virtuosi* oitocentistas lisboenses, são conhecidos os casos das famílias Campos (Gaspar [pai]; Carlos Augusto [filho]), e Neuparth (Erdmann; Augusto) e, possivelmente, Miró (Joaquim; António Luís) e Osternoldh (Mathias; Mathias Jacob, Timóteo e José). Embora a prossecução do ensino musical se conduzisse mormente no âmbito familiar ou nas instituições de ensino musical da capital, o ensino particular foi uma importante alternativa/decisão para alguns dos *virtuosi*: por exemplo, Augusto Neuparth prosseguiu os seus estudos com o músico Filipe Titel. A análise do repertório oitocentista português para instrumentos de sopro *a solo* ou em *ensemble*, com acompanhamento de banda marcial, permite-nos igualmente concluir que a actividade dos *virtuosi* portugueses se encontra em concordância com categorias específicas limítrofes da *praxis* musical coetânea ocidental: músicos militares portugueses



RESTAURANTES ADERENTES:

Almourol
Carroça
O Chico
Ribeirinho
Soltejo
Stop
Tasquinha
da Adélia



MAIS INFORMAÇÕES

www.cm-vnbarquinha.pt

Oferta
de passeios
de barco
ao Castelo
de Almourol

1) foram **compositores-intérpretes**, servindo-se da composição para o seu reconhecimento enquanto *virtuosi* e compositores habilitados (F. Santos Pinto, M. J. Osternoldh, R. Croner, J. Rodrigues de Oliveira); 2) foram **intérpretes** de repertório português e estrangeiro (M. Ximenes, F. Titel, M. A. Correia, R. Croner, T. Jorge, J. Rodrigues de Oliveira); 3) escreveram e dedicaram **composições para virtuosos**, muitos dos quais seus alunos e/ou colegas de profissão (F. Santos Pinto, Leonardo Soller).

Não será demais sublinhar o mérito das bandas militares e comunitárias na formação e na incorporação, nos seus efectivos instrumentais, dos mais importantes instrumentistas de sopro nacionais oitocentistas. Os músicos souberam reconhecê-lo certamente aquando das suas apresentações públicas nacionais e internacionais:

O sr. [Rafael] Croner, a pedido de muitas pessoas, tocará a última peça do seu concerto, vestido com o fardamento de chefe de banda de música de caçadores 5, do Exército português.

[Brasil,] 31/5/1868

Nessa autorização e estímulo à carreira concertística dos seus músicos, os corpos regimentais e as bandas comunitárias contribuíram de forma relevante para o desenvolvimento da *praxis* musical das cidades visitadas por estes aquando das suas digressões, partilhando, justamente, do reconhecimento do *virtuoso*. Mas se com as digressões do músico e chefe de banda militar Rafael Croner – a Londres em 1861 e à América Latina em 1863, 1866, 1872 e 1876 – se retomava a exibição internacional dos instrumentistas de sopro portugueses, outra importante actividade dos músicos militares nacionais terminava pela mesma altura. A reorganização militar do Visconde de Sá da Bandeira em 1836-1837 visava o término dos dispensiosos “destacamentos a grandes distâncias”, que terá sido apenas efectivado no decurso da década de 1860. Até então, os destacamentos de unidades regimentais com banda pertitiram, às audiências locais, a fruição das bandas nacionais, o acesso a repertório desconhecido, bem como a apresentação nacional, a *solo* e em *ensemble*, dos *virtuosi* músicos militares e o seu reconhecimento por novos públicos. Os destacamentos de bandas militares e/ou dos seus músicos contribuíram, desde cedo, para a disseminação das principais tendências da *praxis* musical das grandes cidades, promovendo o desenvolvimento e/ou a consolidação dos meios musicais locais, através da sua profícua actividade concertística e da sua colaboração (institucional ou individual) com os meios musicais dessas áreas geográficas. Esse intercâmbio entre músicos militares profissionais e filarmónicos amadores é um capítulo rico, que aos poucos se vai escrevendo, da história conjunta das bandas militares e comunitárias e da história da música portuguesa.

Música em Instituições Militares e Segurança Interna Pequena História da Evolução do Repertório

Comissário José Manuel Ferreira Brito

(Chefe em Exercício da Banda da Polícia de Segurança Pública)

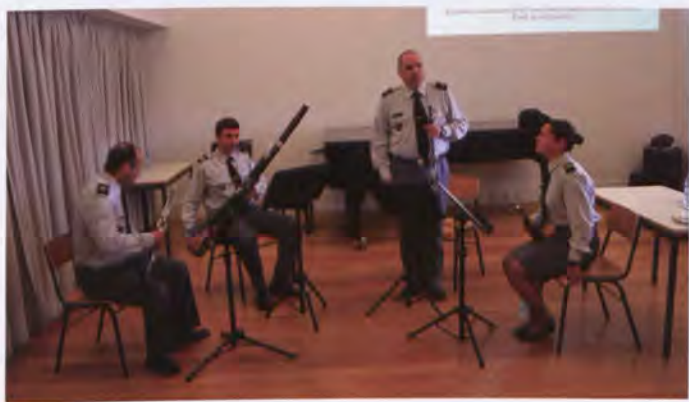


O aparecimento de qualquer Banda oficial tem como base as mesmas raízes e a evolução do seu repertório próprio é idêntica a todas elas. Quando me refiro a repertório, tenho em mente composições para concerto e não “toques de ordenança”.

Desde os primórdios da nossa História, a Música desempenha um importante papel nas vidas e nos acontecimentos da Humanidade. Em todas as nações, desde os tempos mais remotos, a Música tem sido companheira das lutas armadas, servindo a dupla função de incentivar as tropas a combater e como método de fazer convergir ordens e comandos. Foi usada, nas batalhas, como meio de excitação da paixão de combate.

Numa breve síntese histórica, podemos identificar alguns períodos durante os quais se realizaram contributos significativos para a música instrumental, nomeadamente os aerofones, incorporados numa árvore genealógica dos agrupamentos instrumentais, na qual se integra a Orquestra e, mais tarde, as Bandas.

Num contexto inicial, o conceito de Banda ainda não se encontra formado. A denominação mais correta será agrupamento ou *ensemble*. Como antepassados mais antigos, podemos localizar os “Stadt-pfeifer”, os “Pifferi” e os “Waits” medievais, época na qual surgiu a tradição mais característica das Bandas de então, ou seja, o seu propósito funcional.



Eurídice

Durante a Renascença aparecem agrupamentos constituídos, essencialmente, por aerofones que se inscrevem na tradição urbana Medieval dos músicos municipais (por ex.: a Banda de Chamelas de Bruxelas). Nos finais do séc. XVI, Giovanni Gabrielli (1557-1612), utilizou os instrumentos de sopro na sua música antífona ("Cori Spezzati") composta para a Catedral de São Marcos em Veneza. Por exemplo, *Canzon in Echo Duodecimi Toni à 10* (1587) ou *Sonata Pian'e Forte* (1597).

Mais tarde, Jean Baptiste Lully (1632-1687) escreveu música para as Bandas de Infantaria do Rei Luís XIV (oboés e fagotes): marchas, forma estilizada de dança, para os cerimoniais militares. Por exemplo, *Marcha Francesa*, escrita para o regimento do Conde de Sery, a *Marcha dos Mosqueteiros do Rei e Marche de Savoie*.

Durante o séc. XVIII Haydn, Mozart, Beethoven e Krommer escreveram para os "Harmoniemusik" - octetos de sopro, constituindo a Escola Vienense do Octeto de Sopro. No entanto, o Imperador, os Príncipes do Liechtenstein, o Príncipe Kraft-Ernst von Oettingen-Wallerstein, o Príncipe Schwarzenberg e outros representantes da aristocracia estabeleceram as suas próprias "Harmonies" que requeriam um repertório adequado. Para além dos arranjos havia também composições originais não só escritas pelos compositores já citados, mas também por compositores da Boémia, entre os quais Frantisek-Antonin Roessler (1750-1792), conhecido por Antonio Rosetti, considerado um especialista no género, que prestou serviço em Wallerstein entre 1773 e 1789, onde compôs a sua *Parthia em Fá* (1785). Não sendo uma obra para Banda no estrito sentido da palavra é, à semelhança das serenatas de Mozart, "eine grosse blasende Musik von ganz besonderer Art" (música para um Ensemble alargado de sopros de género invulgar).

Segundo a perspectiva de Richard Franko Goldman, a moderna banda surgiu com a Revolução Francesa e a organização da Banda da Guarda Nacional Republicana Francesa por Bernard Serrette (1765-1858) em 1789, constituída inicialmente por quarenta e cinco músicos, mais tarde alargada a setenta. Neste contexto, as bandas francesas puderam beneficiar da atividade de compositores como Luigi Cherubini (1760-1842) - *Marcia in Fá Maggiore* (1794); François Gossec (1734-1829), *Charles Catel* (1773-1830) - *Ouverture en Ut* (1792) e *Symphonie Militaire* (1790) e Etienne Mehul (1763-1817) - *Ouverture en Fá Majeur* (1797).

Durante grande parte do séc. XIX, as bandas continuaram intimamente ligadas à instituição militar mas, não obstante o elo que as situava numa música de carácter funcional, começaram também a operar como organizações de concerto, tocando música de natureza genericamente popular e música de dança em voga na época.

É ainda na primeira metade do séc. XIX que surgem obras originais para Banda de grandes compositores como Felix Mendelssohn (1809-1847) - *Abertura Op. 24* (1829-32);

Hector Berlioz (1803-1869) - *Grande Symphonie Funèbre et Triomphale* (1840 - encomenda do Ministro do Interior francês Charles de Rémusat para a celebração do aniversário da Revolução de Julho) e Richard Wagner (1813-1883) - *Trauesinfonie* (1844); estas duas últimas obras, ao contrário da música concertante dos octetos de sopro, foram escritas especificamente para execução ao ar livre em importantes funções cívicas.

A música encontrada nos programas de concerto das bandas, durante o primeiro quarto de século XX consistia em transcrições de composições para Orquestra, Música Popular e Marchas; por outro lado, não havia um repertório substancial de música original.

A primeira obra para banda escrita no séc. XX que assume especial importância foi a "*First Suite in E-flat for Military Band*" composta por Gustav Holst (1874-1934) em 1909; posteriormente, Holst escreveu "*Second Suite in F*" (1911) e "*Hammersmith*" (1931). Desta forma, as obras de Holst são frequentemente citadas como: "Clássicos para Banda". Juntamente com Ralph Vaughan Williams e Gordon Jacob criou um novo estilo de composição para banda que atingiu o equilíbrio perfeito entre o conteúdo musical e meio utilizado para interpretação.

O período decorrido entre 1945 e 1959 foi muito produtivo na evolução da banda e do seu repertório: vários novos trabalhos foram escritos e interpretados. Neste período existiam grandes compositores portugueses ligados às bandas, com uma produção basicamente direcionada para composições de carácter popular ou de inspiração folclórica: Silva Marques, Duarte Pestana, Joaquim Luiz Gomes, entre tantos outros...

Cerca de 1960, assistiu-se a um crescimento de obras originais compostas e publicadas para banda; no entanto, ainda não se tinha tornado uma parte significativa da programação. Durante a década de sessenta, Maestros das Bandas e as associações nacionais tiveram sucesso ao estimularem compositores importantes para criarem obras originais. No Portugal do século XX, a distância dos principais compositores eruditos, em relação às bandas, não deixa de ser surpreendente tendo em conta a quantidade destes agrupamentos existentes pelo país e a consequente possibilidade de difusão das suas obras. Quaisquer que sejam os motivos, há muito poucas obras orquestrais para banda produzidas por compositores bibliograficamente referidos como detentores de reconhecido mérito artístico, e as poucas que existem começam só agora a emergir dos arquivos e espólios que gradualmente têm vindo a ser tornados públicos. Em Portugal houve uma tentativa semelhante à de outros países, de aproximação dos compositores eruditos ao fenómeno das bandas, promovendo encomendas com vista a valorizar os repertórios destes agrupamentos. Os objetivos não foram atingidos, já que a maioria das obras não chegou a ser estreada e as restantes não passaram a integrar com regularidade o repertório das bandas.

Entre 1975-1989, o meio musical das bandas foi enriquecido com um aumento de encomendas e *performances* de obras de compositores de classe mundial.

No período decorrente entre 1990 e 1994, numerosas “*premières*” sucederam-se. Nos anos cinquenta as bandas ocupavam uma posição muito baixa na consideração da comunidade artística. Porém, esta situação tem sido consideravelmente alterada graças à visão empreendedora de vários maestros e instrumentistas de elevado estatuto musical, aumentando o padrão interpretativo das bandas, introduzindo novas composições nos programas de concerto e ao encomendarem obras a grandes compositores. Uma nova geração de compositores surge nos anos 90, princípios do Séc. XXI em Portugal: Lino Guerreiro, Carlos Marques (Balaú), Carlos Marques, Carlos Amarelinho, Samuel Pascoal e muitos outros...

A **transcrição**, como fenómeno no campo do repertório para banda, constitui um objeto de estudo complexo e problemático. Falar sobre as transcrições significa analisar a transformação, adaptação ou arranjo de uma composição para um meio diferente ao do intento do compositor. Esta definição compreende uma variedade de aspetos estético-musicais, formais, históricos e interpretativos. Enquanto os estetas puristas negam que as transcrições ou transformações de qualquer meio de interpretação possam ser representativas da ideia original, a História da Música revela uma tradição de transcrições que seria impossível negar essa alternativa às bandas. Os estetas e puristas, por um lado, argumentam contra as transcrições ao alegarem a falta de criatividade ou trivialização descuidada do original; por outro lado, criticam a destruição de qualquer aspeto formal e a adaptação específica do original que é, na sua estrutura, frequentemente escrito numa linguagem não idiomática para os instrumentos de sopro.

O principal argumento contra as transcrições e pró música original é, ou foi, baseado no facto das adaptações excluírem fundamentalmente um progresso real no meio musical em estudo. Na natureza retrospectiva de cada arranjo uma inovação musical ou tendência *avant-garde* é inadequada. Portanto, torna-se evidente que tais tendências contradizem qualquer esforço de emancipação no campo da música para sopros. Desde a introdução da notação musical no séc. XII, existem muitos exemplos de adaptações sob as mais variadas formas. Iniciado na técnica de paródia dos séculos XV e XVI, o desenvolvimento compreende desde as *canzone* dos mestres venezianos do séc. XVI e as adaptações livres do período Barroco até à fantasia, paráfrase e *potpourri*. No desenvolvimento do *ensemble* de sopros, a aplicação da transcrição pode ser localizada no Período Barroco. Na época de Mozart os pequenos agrupamentos de sopro, nomeadamente os octetos (2 oboés, 2 clarinetes, 2 fagotes, 2 trompas), tornaram-se na principal formação.

Neste contexto, a adaptação de óperas e outros tipos de composições tornou-se prática comum no sentido de favorecer a difusão e popularidade das respetivas obras. Entre os contemporâneos de Mozart, os instrumentistas de sopro da Wiener Hofkapelle: Joseph Triebensee, Johan Nepomuk Wendt e, mais tarde, H. G. Ehrenfried, G. F. Fuchs, J. Stumpf e C. A. Gopfert difundiram transcrições de excertos de óperas de Mozart. Não obstante, o próprio Amadeus também apreciava esta prática no sentido de introduzir a sua produção dramática a uma audiência mais vasta. Com a emergência de grandes bandas, na sua maioria militares, durante o séc. XIX, a necessidade de expandir repertórios assim como a popularidade dos arranjos rapidamente cresceu. Contudo, enquanto as composições originais eram colocadas à margem, as transcrições atingiram o seu clímax. Por conseguinte, criaram-se as condições para o florescimento de formas artísticas de expressão inerentes às bandas. Com a emergência da música original para banda as transcrições, de momento pareciam relegadas para segundo plano.

O esforço para atingir uma maior autenticidade na adaptação da obra original para uma grande banda sinfónica reapareceu nos finais dos anos trinta e no início dos quarenta do séc. XX, no sentido de se manter a estrutura formal duma composição. Cedo se compreendeu que a rapsódia, que dominava o panorama dos arranjos para banda, não podia harmonizar com a aspiração de respeitar as intenções criativas do compositor contidas na obra original. Consequentemente, um real renascimento das transcrições teve lugar: orquestradores profissionais dedicaram-se cada vez mais às obras sinfónicas e à sua adaptação para banda; para o seu público, criaram novas formas de experimentação da música de sopro: para eles a banda constitui uma tipologia orquestral independente com as suas próprias leis. Atualmente as bandas podem tocar um “Big-Band Sound” dos anos cinquenta ou uma variedade de “Pop-styling” dos sessenta para oferecer ao seu público os produtos nacionais e internacionais da máquina comercial moderna. No actual repertório, as rapsódias são denominados *medleys* e as fantasias são seleções que podem ser vistas, genericamente, como um flagrante retorno aos costumes do séc. XIX, mas num contexto histórico e social diferente.



Referências bibliográficas

- Decreto de 30 de Novembro de 1836, Ordem do Exército nº 53 de 7 de Dezembro de 1836.
- Decreto de 4 de Janeiro de 1837, Ordem do Exército nº 3 de 10 de Janeiro de 1837.
- AA.VV.,
1824-5 "Relação dos músicos que servem no Batalhão", Arquivo Histórico Militar.
- BIU, Humberto da Costa (coord.)
2003 *Sociedade Filarmónica Palmelense "Loureiros" – 150 Anos de História*, Sociedade Filarmónica Palmelense "Loureiros", Palmela.
- BRITO, Manuel Carlos de
1989 "Concertos em Lisboa e no Porto nos finais do século XVIII", *Estudos da História da Música em Portugal*, Lisboa, 1989, pp.167-187.
- BORBA, Tomás, e Fernando LOPES-GRAÇA
1956-8 *Dicionário de Música*, 2 vols. Lisboa: Cosmos.
- CASTELO-BRANCO, Salwa El-Shawan
1997 "Filarmónicas em fête" in *Voix du Portugal*. Paris: Cité de La Musique-Actes Sud.
- CASTELO-BRANCO, Salwa El-Shawan e Maria João LIMA
1998 "Práticas musicais locais: Alguns indicadores preliminares", *Observatório das Actividades Culturais, OBS 4*: 10-13.
- CORREIA, Luís M. T.
2006 *Bandas e Músicos Militares em Portugal*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- CRONER, Rafael
[1860-1880] (Álbum de recortes de anúncios e recensões na imprensa periódica nacional e internacional)
- CUTILEIRO, Alberto
1981 *Alguns subsídios para a história da Banda da Armada*, Lisboa: Centro de Estudos da Marinha.
- FREITAS, Pedro de
1946 *História da Música popular em Portugal*, Edição do autor, Lisboa.
- JERÓNIMO, Manuel
2012 *Leonel Duarte Ferreira (1894-1959): vida e obra musical*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- LAPA, Albino
1941 *Subsídios para a História das Bandas Militares Portuguesas*, Alma Nacional, Lisboa.
- LAMEIRO, Paulo
2010 "Banda Militar" in Salwa CASTELO-BRANCO (dir.), *Enciclopédia da Música em Portugal no século XX*, Lisboa: Círculo de Leitores 2010, pp. 113-114.
- 1998 *Coréto sagrados: algum repertório litúrgico das filarmónicas do concelho de Leiria*, Universidade Nova de Lisboa – Centro de História da Cultura, Lisboa.
- LAMEIRO, Paulo, GRANJO, André e Pedro BENTO
2010 "Banda Filarmónica" in Salwa Castelo Branco (dir.), *Enciclopédia da Música em Portugal no século XX*, Lisboa: Círculo de Leitores 2010. Pp. 108-113.
- LOUROSA, Helena
2009 "A polissemia da performance. Dimensões performativas da Banda Filarmónica a partir da análise musical e da história social deste agrupamento. Um estudo de caso." in Helena MARINHO, Jorge CORREIA e Susana SARDO, (ed.), *Performa 09 – Actas dos Encontros de Investigação em Performance* (CD-Rom). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- MARTINÓ, António Miguel
1999 *José Cândido Martinó: uma vida desenhada pela banda*. Lisboa: Colibri.
- MARTINS, Mónica e Lina SANTOS
2010 "Banda de Música da Força Aérea" in Salwa Castelo Branco (dir.), *Enciclopédia da Música em Portugal no século XX*, Lisboa: Círculo de Leitores 2010, p.105.
- 2010 "Banda do Exército" in Salwa Castelo Branco (dir.), *Enciclopédia da Música em Portugal no século XX*, Lisboa: Círculo de Leitores 2010, pp. 107-108.
- 2010 "Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana" in Salwa Castelo Branco (dir.), *Enciclopédia da Música em Portugal no século XX*, Lisboa: Círculo de Leitores 2010, 114-116.
- 2010 "Banda Sinfónica da Polícia de Segurança Pública" in Salwa Castelo Branco (dir.), *Enciclopédia da Música em Portugal no século XX*, Lisboa: Círculo de Leitores 2010, p. 116.
- NAVARRO, André
1856 *Apontamento e explicação para a reorganização de músicas regimentares*.
- NEUPARTH, Eduardo
1869 *Vida d'Eduardo Neuparth escrita por sua mão, até a idade de 85 anos*. Lisboa, (manuscrito não publicado).
- NUNES, Mário
1988 *Sociedade Filarmónica Penelense - 130 anos ao serviço da cultura musical*, Penela.
- PEREIRA, Vera Lúcia Silva
2010 *Música e poder simbólico: (a banda da Armada como paradigma nacional)*. Lisboa: Comissão Cultural da Marinha.
- PINTO, Rui Magno
2014 "Operatic content and form in the nineteenth-century Portuguese wind-instrument repertoire", *Internationale Gesellschaft zur Erforschung und Förderung der Blasmusik, 20th Meeting*, Coimbra, Alta Musica, Band 31 (no prelo).
- 2013 "Introdução (Agrupamentos de Música Alta)", "Bandas Militares", "Sociedades amadoras", "Filarmónicas Civis", "Repertório" in Paulo Esteireiro et al., *CD-Rom Bandas Filarmónicas*, Coleção Madeira Música, Gabinete Coordenador de Educação Artística, Secretaria Regional da Cultura, Secretaria Regional da Educação, Madeira.
- 2011 "Bandas regimentares, sociedades amadoras e filarmónicas civis na Madeira nos séculos XIX e XX", *Colóquio Cinco Olhares sobre o Património Musical Madeirense*, 30 anos da Associação Musical e Cultural Xarabanda, Funchal.
- 2010 *Virtuosismo para instrumentário de sopro em Lisboa (1821-1870)*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- SÁ SILVA, Vanda
2008 *Círculos de Produção e Circulação da Música Instrumental em Portugal entre 1750-1820*, Dissertação de Doutoramento, Universidade de Évora.
- SAMSON, Jim
2003 *Virtuosity and the Musical Work: The Transcendental Studies of Liszt*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SANTOS, Lina e Mónica MARTINS
2010 "Banda da Armada" in Salwa Castelo Branco (dir.), *Enciclopédia da Música em Portugal no século XX*, Lisboa: Círculo de Leitores 2010, pp. 104-105.
- SARDINHA, Vitor e Rui CAMACHO
2001 *Rostos e traços das bandas filarmónicas madeirenses*, Associação Musical e Cultural Xarabanda, Funchal.
- SOUSA, Pedro Alexandre Marquês de,
2013 *As Bandas de Música no distrito de Lisboa entre a Regeneração e a República (1850-1910): História, organologia, repertórios e práticas interpretativas*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- 2008 *História da Música Militar Portuguesa*, Lisboa: Tribuna da História.
- TRINDADE, Isabel
2010 "Banda de Música dos Empregados da Companhia Carris de Ferro de Lisboa" in Salwa Castelo Branco (dir.), *Enciclopédia da Música em Portugal no século XX*, Lisboa: Círculo de Leitores 2010.
- VIEIRA, Ernesto
1900 *Dicionário Biográfico de Músicos Portuguezes*. Lisboa: Lambertini.



A Marcha de Procissão "Nossa Senhora da Saúde" e a Irmandade dos Artilheiros

A antiga Marcha Grave, dedicada a Nossa Senhora da Saúde, tocada com frequência na tradicional Procissão dos Artilheiros (Mouraria), organizada pela Irmandade dos Artilheiros, sempre contou com a participação de todas as Bandas Militares da guarnição de Lisboa. Composta por José Gomes de Figueiredo, 1º Sargento músico (oboísta) da Banda do Regimento de Infantaria nº1, na Ajuda (Lisboa) e depois na Amadora. Este transmontano, radicado em Lisboa, foi autor de diversas Marchas de Concerto e Marchas de Procissão, como: *Otilia*, *Menina X*, *Um passeio da Gaia*, *Saudação* e *Mariolguida* além das marchas graves *Nossa Senhora das Necessidades* e *Nossa Senhora da Saúde*.

TCor Artª Pedro Marquês de Sousa

Grandes Compositores para Orquestra de Sopros

Jan Van der Roost

ENTREVISTA REALIZADA PELO SAj MUS Luís Cascão

SAj Luís Cascão(LC) - Nasceu em 1956, de que forma a música apareceu na sua vida? Quais foram as suas primeiras influências?

Jan Van der Roost(JVdR) - Quando era mais novo, havia sempre música em casa: o meu pai era maestro amador (banda e coro), a minha mãe cantava num coro e o rádio lá de casa estava ligado durante todo o dia (essencialmente música clássica, jazz convencional e música mais "acessível"). Nós tínhamos muitos LP's (nesse tempo ainda não havia CD's) e a música estava omnipresente por assim dizer!

Muitos dos antepassados do meu pai foram músicos amadores e alguns até profissionais (um foi um famoso barítono que chegou a cantar sob a batuta de Toscanini), assim foi um processo quase hereditário!

LC - Li que aprendeu a tocar trombone quando era mais novo, foi o seu primeiro instrumento?

JVdR - Comecei com o Fliscorne, mas depois mudei para Trombone com a idade de 14 anos aproximadamente. Aos 18 comecei a aprender Piano.

LC - Tocou em mais alguma banda escolar ou militar?

JVdR - Toquei em duas bandas da região, numa big band, numa orquestra sinfónica (sempre a nível amador) e cantei num coro.

LC - Como começou a escrever música?

JVdR - Quando tinha aproximadamente 15/16 anos senti necessidade e tentei escrever música no papel, comecei por copiar algumas obras de que gostava e que conhecia de gravações. Essas peças foram escritas para a banda em que tocava.

Gradualmente tentei escrever as minhas próprias melodias, e durante os meus estudos no Lemmeninstituut em Leuven (onde adquiri uma formação musical muito sólida), tornou-se tudo muito mais sério.

LC - O Jan escreve muito mais para orquestra de sopro do que para orquestra sinfónica, isso é uma coincidência ou algum tipo de estratégia?

JVdR - Desde o início das minhas actividades como compositor, tentei encontrar um equilíbrio entre



“obras para amadores” e “obras para profissionais”. Estou envolvido na vida das bandas (como maestro e mais tarde como compositor, conferencista, etc.) desde 1983, e desde essa altura que o meu foco se direccionou cada vez mais para a música de banda em geral, e assim tornou-se 50% da minha produção total.

Desde que a minha carreira se internacionalizou, recebi encomendas e esse facto levou a mais e mais encomendas, sendo que tudo foi acontecendo naturalmente.

LC - Como decorre o seu processo de escrita e como busca inspiração para tal? Escreve como um hábito diário ou apenas sob encomenda?

JVdR - Escrevo sob encomendas há aproximadamente 30 anos. Essas e n c o m e n d a s vieram de mais de 20 países de todo o mundo (Canadá, Estados Unidos, Colômbia, Japão, Singapura, etc.). Actualmente tenho uma vida muito activa, que inclui muitas viagens e assim não tenho o hábito de escrever d i a r i a m e n t e . Por vezes passo semanas sem pegar no lápis e noutros períodos estou muito focado e empenhado, ou seja, varia muito!

LC - Como aconteceu tornar-se professor no Japão?



ATELIER
DOS
SOPROS
DOURADOS

QUALIDADE
AO
MELHOR PREÇO

Assistência Técnica - Venda - Instrumentos Musicais - Acessórios

ateliardossopros@gmail.com

www.ateliardossopros.weebly.com

www.ateliardossopros.com

Av. Barbosa da Bocage, Nº26

1000 - 072 LISBOA

Eurídice

JVdR - Desde o início dos anos 90 que a minha música começou a ser muito popular e acarinhada no Japão e após ter sido convidado pela primeira vez a deslocar-me lá (há 20 anos) houve logo um “click” muito importante. Desde essa data que sempre me senti bem no Japão e ainda é o que se passa hoje em dia! O nível de execução das bandas Japonesas é de uma forma geral muito elevado e desta forma as minhas obras mais difíceis são bastante tocadas lá. Este facto levou a que fosse convidado a deslocar-me lá, por parte de algumas universidades ligadas à música, o que conduziu a uma ligação mais permanente à universidade de artes de Nagoya e ao colégio de música de Senzoku Gakuen em Kawasaki, que visito duas vezes por ano.

LC - Aqui na Banda do Exército já temos tocado alguma da sua música. O que sente quando sabe que a sua música é tocada pelo mundo inteiro, por agrupamentos de elevado nível musical?

JVdR - É claro que é sempre um prazer ouvir a nossa música quando é bem tocada (por amadores ou por profissionais). Especialmente no que diz respeito às peças mais fáceis, porque normalmente são tocadas por bandas de jovens. Mas se uma dessas peças for executada por uma banda profissional (ou uma excelente banda de estudantes) a sensação pode ser fantástica!

LC - E a direção, como é que surge na sua carreira? Começou por dirigir obras suas ou de outros compositores?

JVdR - Depois de ter dirigido (ocasionalmente) algumas bandas amadoras e coros durante a minha juventude, fui ficando gradualmente mais envolvido na direção, sobretudo após a minha licenciatura. Muitas vezes fui, e sou, convidado para dirigir as minhas obras, mas entretanto tenho dirigido muitas obras de outros compositores. Eu não toco só a minha música (felizmente!). É claro que dirijo muitas bandas e orquestras de sopros mas também já tenho dirigido orquestras sinfónicas (incluindo algumas muito prestigiadas) em vários países. Dirigi inclusive bandas militares e orquestras de sopros profissionais civis em mais de 20 países (incluindo Finlândia, Áustria, Canadá, Brasil, Taiwan, Suíça, Singapura, Itália, Japão, Israel, Holanda, Estados Unidos, Lituânia, etc.).

LC - Está com 58 anos de idade e a sua actividade é tão intensa, dividida entre leccionar, compor, dirigir em diferentes continentes. Sente, de alguma forma que já atingiu o topo da sua carreira, ou ainda procura novos objectivos ou projectos inacabados relacionados com

a composição?

JVdR - Não penso que tenha chegado ao topo, se bem que isso é algo que não podemos influenciar ou direccionarmo-nos para lá. Busco sempre o progresso, desenvolver a cada ano que passa e desta forma não sei onde o meu “nível final” irá terminar...é tudo muito vulnerável e relativo: um pequeno incidente, acidente, doença ou outra coisa qualquer pode alterar a nossa vida, por isso estou bem ciente da relatividade da palavra sucesso, nome, fama, etc.

Espero prosseguir e continuar por muitos mais anos mas é claro, nunca se sabe o que o futuro nos reserva.

LC - O que podemos esperar de si no futuro próximo acerca de novas obras ou gravações?

JVdR - Como sempre, tenho encomendas muito interessantes e desafiantes na minha agenda, vindas de vários países de todo o mundo. Algumas delas são secretas neste momento, por isso agora não posso adiantar muito mais. Estas encomendas referem-se a peças para banda, bem como para música clássica. Estão também a ser lançadas algumas novas gravações para a EMI Classic, Naxos, Toshiba, Fontec, Parma Records, Aelous, etc., e também estão agendadas algumas gravações de prestígio num futuro próximo nos Estados Unidos, Bélgica, Japão, Polónia, Canadá, Holanda, etc.

LC - Alguma vez esteve em Portugal?

JVdR - Sim. Já estive no seu país duas vezes de férias e algumas outras envolvido em projectos musicais.

LC - Muito obrigado pela sua simpatia e pelas suas respostas. Espero poder vê-lo em breve em Portugal a promover a sua música!

JVdR - Obrigado também pelo vosso interesse pela minha música! Tenho assistido ao aumento de qualidade das orquestras de sopros em Portugal nas últimas décadas e assim espero que a minha música possa ser tocada mais e mais no futuro próximo.



UMA HISTÓRIA DE DEDICAÇÃO

DESDE 1860 AO SERVIÇO DA MÚSICA

É para nós um orgulho estarmos há mais de 150 Anos no mercado nacional e continuarmos a merecer a preferência dos músicos. A razão principal desta inestimável preferência está relacionada, temos a certeza, com o nosso compromisso centenário em oferecer os melhores produtos e serviços e a paixão com que o temos feito.

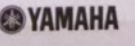
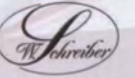
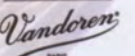
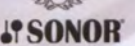
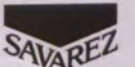
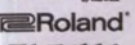
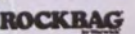
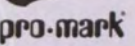
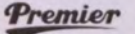
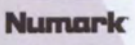
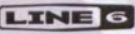
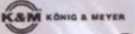
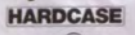
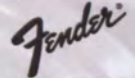
Mas tem sido também o saber acompanhar a evolução da própria música e das novas necessidades e oportunidades e exigências que ela tem criado, estejam estas relacionadas com a música clássica, o jazz, a popular ou com a electrónica e digital.

Enquanto houver música cá estaremos para a servir!

SABER, PAIXÃO E DEDICAÇÃO!



ALESIS
INSPIRE PLAY CREATE



Porto : Lisboa : Aveiro

Email: geral@castanheira-somusica.com

PORTO:
Rua do Almada, 170
4050-031 Porto
T. 22 200 46 16
F. 22 208 49 49

PORTO:
Rua Formosa, 224
4000-247 Porto
T. 22 205 20 31
F. 22 203 99 39

LISBOA:
Rua do Telhal, 8 A/B
1150-346 Lisboa
T. 21 342 18 70
F. 21 343 33 93

AVEIRO:
Rua Dr. Alberto
Soares Machado, 71 r/c
3800-146 Aveiro
T. 234 42 56 25
F. 234 38 15 48



Castanheira
Sômusica desde 1860

BANDA, "IN PRINCIPIO"

Espaços Performativos no Culto Católico como
Sustentáculo do Desenvolvimento dos Agrupamentos de Sopro,
Precedentes da Banda Comunitária de Carácter, em Portugal

TEXTO Chefe António Rosa



A análise de pretéritos centrados no culto católico, a estrutura hierárquica e o processo evolutivo da Igreja Católica Apostólica Romana, desde as ordens religiosas até aos modelos de culto partilhado, em que é permitida a participação de leigos em algumas cerimónias, poder-nos-ão suportar a compreensão de, em que medida é que os espaços performativos religiosos, terão contribuído para o surgimento e desenvolvimento das Bandas em Portugal, desmistificando a ideia generalizada de que estas têm a sua origem nas Bandas Militares.

Considerar-se-á a hipótese de ser neste contexto que tudo se desenvolve, desde os agrupamentos informais, participados por músicos das mais variadas naturezas, até aos mais complexos e organizados, bem como vicinalidade existente entre os antigos grupos e as Bandas atuais.

No que à formação dos músicos diz respeito, assume-se a possibilidade de estes serem formados, quer pelos mestres, como qualquer artesão, em troca de pagamento ou futuras prestações de serviços, quer por padres oriundos dos vários mosteiros ou formados nos seminários. Vemos neste modelo de formação, a eventualidade para a existência dos recursos humanos para a constituição dos referidos agrupamentos (Viterbo, 1932).

Embora nas organizações militares exista, a partir do século XIX, o posto de músico aprendiz, este era apenas de consideração hierárquica, não estando, ainda, demonstrada a existência de uma escola ou qualquer outro tipo de formação musical dentro das instituições militares, até ao século XX.

Como refere Albino Lapa: "em 1809, a 28 de Julho, foi ordenado que nos Estados Maiores dos Batalhões de Caçadores e Infantaria de linha, houvesse um mestre de música e oito músicos, em lugar de dois pifanos" (Lapa, 1941, p. 8).

Esta ordem é no sentido de nomear recursos já existentes, na medida em que não está a nomear um corpo docente para a formação. Esta ordenação poderá demonstrar que esses recursos já existiam na sociedade, sendo depois recrutados para o serviço castrense. Assim sendo, ao contrário do que é comum afirmar, poderão ser os agrupamentos musicais civis a fornecer os músicos às Bandas Militares, numa fase inicial, e não o contrário.

Parece, ainda, pouco claro o período temporal em que estes agrupamentos surgem. Alguns autores, um dos quais Pedro de Freitas, no seu livro *História da Música Popular em Portugal*, assumem o início do século XIX como período de aparecimento das bandas, período posterior ao aparecimento das bandas militares em Portugal (Freitas, 1946), no entanto, testemunhos coligidos por autores como José Bento da Silva refere: "os mais velhos afirmam-no convictamente, que, por exemplo, a Banda de Calvos existe há mais de duzentos anos" (Silva, 1992, p.17). Seguindo o pensamento de Pedro de Freitas, fica por explicar a existência de Bandas como a de Golões de Fafe que tem lavrado no seu estandarte, como data de fundação, o ano de 1770.

De igual modo se verifica paradoxal a entrada "Bandas Filarmónicas", da *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*, em que o autor escreve: "As Bandas Filarmónicas têm origem nas Bandas Militares" tendo publicado anteriormente um artigo em que declara: "A rua parece ser o seu espaço privilegiado de actuação, seja nos tradicionais coretos de jardim, ou em arraiais de festas e romarias. Contudo, desde que surgiram em Portugal na primeira metade do século passado, as bandas filarmónicas ocuparam um lugar de grande importância nas celebrações religiosas, particularmente nas missas da Festa Religiosa Tradicional" (Lameiro, 1998).



Banda de Música de Felgueiras, 1930



Padre Alexandre Vidal fundador da Banda Marcial de Fermentelos, 1868

A plasticidade característica destas formações permitiu que ao longo do tempo elas adquirissem várias proficiências, conforme o contexto em que se inserem, sendo-lhe atribuídas várias denominações. É de todo evidente que nenhuma delas as caracterizam concretamente, na medida em que, consequência da criatividade dos seus fundadores, das tendências da época ou do simples reconhecimento da personalidade jurídica, não consideram a possibilidade de, através do processo de desenvolvimento, estas terem adquirido caracteres diferentes, bem como nunca foi acautelado o cunho comunitário que estes agrupamentos apresentam.

Torna-se, então, imperioso demonstrar a origem do conceito “BANDA”, assumindo a hipótese de este não estar relacionado com critérios organológico-musicais, mas apenas com o espaço que esta banda (linha) de músicos ocupa na performance. Só assim se poderá construir um entendimento sistemático que permita consubstanciar um agrupamento que, resultado da análise funcional e performativa, terá aproximadamente cinco séculos de história.

Já no século XVI, as instituições eclesíásticas, em Portugal, estavam profundamente organizadas, quer estruturalmente quer funcionalmente, sendo que a unidade espacial mínima era a Freguesia, seguida das Dioceses, sedes de residência dos bispos e acima destas as Arquidioceses, que reuniam várias Sés sobre a sua jurisdição. (Latino, 2001, pp.27-31)

Será sobre o plano das freguesias que nos debruçaremos, na medida em que “os párocos, representantes máximos desta unidade, não desempenhavam apenas funções religiosas mas assumiam, por vezes funções de carácter civil... Também estabeleciam normas de comportamento e difundiam padrões culturais; pela sua formação, foram muitas vezes os únicos intermediários entre os fiéis e o mundo da cultura, escrita e oficial” (Latino, 2001, pp.27, 28).

Relevando a afirmação anterior, pela referência, ser-nos-á possível reconhecer veracidade na afirmação proferida por Capela: “ao tentar desvendar as origens das Filarmónicas que existem, ou existiram nesta zona”, (Minho) “deparei, quase sempre, com o nome de um padre, de um professor primário, ou de alguém que esteve ligado a uma dessas pessoas” (Capela, 2001, p. 9).

Podemos, então, sustentar a ideia de que se nos apresenta a resposta para a formação e organização do material humano capaz, para criar os diversos agrupamentos que por sua vez irão motivar o aparecimento das Bandas.

E se dúvidas existirem relativamente a tempos mais remotos, quanto à formação nas instituições eclesíásticas de músicos nos instrumentos que constituíram os agrupamentos que dão origem às Bandas, poderão aclarar-se ao lermos: “Além da instrução dada a cantores, havia também no Mosteiro o ensino de instrumentos musicais de tecla, sopro e corda, nas suas várias espécies”. (Pinho, 1981, p.71).

Se as Sés e os Conventos tinham, na maior parte das vezes o seu corpo de músicos e cantores, no caso das igrejas nem sempre era possível, pelas mais diversas razões, suportar os encargos com a música. É nesta circunstância que o poderoso movimento das confrarias assume um importante papel, suportando os encargos, num gesto de solidariedade e de ativação do sentimento religioso entre a comunidade leiga (Bethencourt, 2007, pp. 165, 166).

Paralelamente à criação das confrarias instituem-se as Capelas que, tratando-se claramente da afirmação de uma família ou de uma linhagem, também participam ativamente na valorização das cerimónias religiosas das respetivas igrejas de que são devotas (Bethencourt, 2007, pp.167, 168).

Ernesto Pinho, numa referência a um *Ordinário e Cerimonial da Ordem de S^a Cruz*, Cap. V fól. XXXIV Vol. XXXV, faz-nos menção da participação de grupos informais de músicos, na cerimónia religiosa da “Festa das Santas Relíquias de 1595, enquanto estas entravam na Igreja, antes de iniciar o acto, tocaram-se *muitos e vários instrumentos*, [que] *cõ serem tãtos e todos jutos, mais fazia deuação*, [que] *cõfusam*” (Pinho, 1981, p.52).

Jaime Dinis, numa citação do texto: “A menção mais antiga nos manuscritos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, no Bairro de S. António, concernente às charamelas, encontro com data de 1709, onde se notam três ocasiões em que os negros instrumentistas andaram tocando: um costume muito colonial (e que se prolonga depois) de tirar esmolos pelas ruas, para as festas religiosas; a festa propriamente dita, tocando à porta da igreja, uma espécie de lugar de honra para os pretos musicistas – e durante a procissão de nossa Senhora do Rosário: “Pelo que se deu aos chameleiros 3 por dia da festa, procissão

Eurídice

e tirar esmolas pela rua – 5\$000” (Jaime Diniz, 1978, p.16), mais uma vez referencia a presença destes grupos, registando ainda o alargamento do âmbito funcional dos mesmos. Num contexto de sociabilidade religiosa, motivados por objetivos de distinção e afirmação, conjugado com necessidades criadas pelos hábitos e através de uma resposta da comunidade, estão reunidas as condições para o advento de pequenos agrupamentos constituídos pelos mais variados instrumentos que têm como finalidade responder às ações das instituições religiosas. A presença destes agrupamentos, no espaço religioso, encontra-se amplamente documentada, desde o século XVI, prolongando-se ao longo dos tempos, como os textos anteriores relevam.

Embora existam assentamentos da proibição de instrumentos, que não os de tecla, em algumas Ordens religiosas, como está demonstrado no texto de Ernesto Pinho, “*item que em hos choros de nossos moestr’s se não tangaõ estromêtos senão de tecla...*”, (Pinho, 1981, p.145), na prática, nem sempre se cumpriam os preceitos, principalmente nas igrejas seculares, existindo imensos registos da participação de outros instrumentos, nas procissões.

A permissividade, por parte das entidades eclesiásticas, conjugadas com a plasticidade inerente a este tipo de agrupamentos, associando o desejo de diversão do povo à necessidade de congregação de fieis por parte da igreja, projeta o desenvolvimento dos agrupamentos, que assumem caracteres de acordo com a época, os interesses e a comunidade em que estão inseridos, mantendo-se num constante processo de desenvolvimento, sem nunca perderem o princípio comum às Bandas em Portugal, que é o carácter religioso.

A procissão é a manifestação religiosa que congrega ativamente leigos e religiosos. Já no século XVI, existem referências a essa participação comum, como depreendemos do texto: “A solenidade do *Chorus Christi* era particularmente interessante, sobretudo pela procissão, que era feita através das ruas da cidade. Era costume fazer esta procissão com todas as festas de folias, chacotas, danças em que o povo tomava parte activa, transformando a cerimónia sagrada em verdadeira representação de carácter profano” (Pinho, 1981, p.49),

Se a procissão é o espaço de comunhão entre os religiosos e os leigos, a arruada ou peditório é fundamental para a realização das festividades, porque se as Sés e os Mosteiros tinham capacidades financeiras para a realização solene das suas festividades, as igrejas das freguesias não tinham e como a necessidade aguça o engenho, “a arruada realizada pela banda, na manhã do dia de festa pelas ruas da freguesia, serve para colectar os donativos dos fieis para a efectivação dos festejos” (Castelo-Branco, 1997). Esta caracterização, sendo registada já no século XX, conjugada com as referências dos textos citados anteriormente permite traçar uma linha condutora, que do ponto de vista da performance, regista a presença de grupos de instrumentistas em práticas religiosas, comuns desde, pelo menos, o século XVI.

Considerando, numa observância deducional, a evolução etimológica do substantivo feminino “Banda”, verificamos, nas suas variações de significado, segundo o dicionário *Houaiss da Língua Portuguesa*, citando o *Índice*



Arruada, peditório ou tirar esmolas Banda Marcial de Fermentelos

do *Vocabulário Português Medieval*, que o termo “Banda” define na rúbrica costura-vestuário, heráldica e termo de marinha: uma linha, barra, tira, ou cinta delimitadora de um espaço e na rúbrica grupal: um grupo de seres ou coisas. Por conseguinte, verifica-se que em vários espaços de performance, nomeadamente na procissão, o grupo de músicos converte-se numa linha que delimita os espaços participados por diferentes grupos, social e religiosamente organizados.

Estrutura da “ <i>Procissão do Santíssimo Sacramento ordenada pella sva Confraria da Igreja Mattis de Villa Viçosa em quarto Domingo de Julho de 633</i> ”
PRIMEIRA ESTANCIA
“ <i>Da mudança que Deus fez em sy no Divino sacramento</i> ”
Três figuras, a cavalo, representando:
A verdade – O Amor – O Tempo
Primeiro Carro
Rey Achis – Rey David
Quatro figuras representando as virtudes
A Cinceridade - A Liberalidade - A Charidade - A Humildade
Quatro figuras representando os vícios
A Ambição - A “Cubissa” - A Lisonja - A “enveja”
Figura representando a fé, acompanhada:
Pela esquerda por 4 evangelistas - São Matheus - São Marcos - São Lucas - São João
Pela direita por 4 Doutores - São Gregório - São Hieronymo - São Ambrósio - Santo Agostinho
“ <i>Logo vão Chacotas, & follias que dão fim a esta primeira estancia</i> ”
SEGUNDA ESTANCIA
“ <i>Da mudanças que faz em nossas almas o divino Sacramento</i> ”
Quatro figuras representando:
A Morte - Phegiel - Eliasaph - A Hira
“ <i>Entre estas figuras, & as que se seguem vão algumas chacotas, danças, & follias, que dividem bñas de outras</i> ”
Treze figuras representando:
São pedro - São Paulo - São Basilio - São Bruno - São Bento - São Bernardo - São Romualdo - São Domingos - São Francisco - Santo Ignacio de Loyolla - São Francisco de Paula - São Norberto - São Geraldo
Figura, a cavalo, representando a Fortaleza
“ <i>Aqui vão chacotas, & follias, & danças, que dividem esta segunda estancia a terceira</i> ”
TERCEIRA ESTANCIA
“ <i>Da mudança que se faz em nos o Divino Sacramento da vida para meillhor vida</i> ”
Figura, a cavalo, representando a temperança
“ <i>Choro de Virgens</i> ” Acompanha a figura “ <i>Sposa Santa do Cantares</i> ”
Duas figuras representando:
Santa Ines - Santa Catherina
Figura representando a “Prudencia”
Terceiro carro
“ <i>representa a vizão de Isaias... Hũa figura... que representa Deus Nosso Senhor... Dois Seraphins... no leito do carro ira hum Altar, & em cima delle hum braseiro, hum seraphim junto delle com hũa tenas... na proa do carro duas figuras vestidas em traje de Reys... ao pé do altardo braseiro vuy sentado o Propheta Isaias</i> ”
“ <i>Apos este terceiro carro se seguem as mais chacotas, galhofas, & follias, trombetas, & charamelas, logo as Irmandades das Confrarias, Clero, & o Pallio com o Santissimo sacramento...</i> ”

Quadro estrutural da Procissão 1633

Ponderando a análise etimológica, a observação do quadro anterior e as fontes centradas nas práticas performativas associadas às festividades da Igreja Católica Apostólica Romana, vemo-nos na possibilidade de objetivar a hipótese de o termo “BANDA” na sua acepção original qualificar o grupo de músicos em função do espaço que ocupa na performance e que pode no limite integrar todos os instrumentos, incluindo a voz, registando-se a sua presença nas várias atividades religiosas, pelo menos, desde o século XVI.



Verifica-se que estes agrupamentos não dependem das instituições religiosas, na medida em que, demonstrando algum relevo na sua participação, não reúnem a apreciação suficiente para partilharem do culto, ficando, como refere Ernesto Pinho, a tocar “enquanto as santas relíquias entravam na igreja”. Esta ideia vê-se reforçada no texto do Padre Jaime Diniz, em que afirma que a porta da igreja seria “uma espécie de lugar de honra” onde os grupos de músicos tocavam.

Podemos admitir, ainda, que no século XVI, estes agrupamentos padecem de uma certa informalidade e apresentam-se organicamente pouco estruturados, pois a sua participação nem sempre é precedida de orientação. Esta ideia pode ser demonstrada no texto de Ernesto Pinho, na referência que faz aos instrumentos, vários e muitos, provocando “devação e confusão” quando tocaram à porta da igreja, aquando das festas das Santas Relíquias.

Do texto de Jaime Diniz, no que concerne ao século XVIII, possuímos a referência do pagamento “aos chameleiros 3 por dia de festa, procissão e tirar esmolas pela rua 5\$000”. Podemos aferir um progresso relativo à organização dos respetivos grupos que permitia a sua contratação com

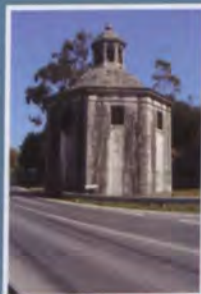
objetivos práticos bem definidos. No entanto, não se deverá deduzir, por isso, a possibilidade do exercício de uma atividade estritamente ligada à música, na medida em que apenas temos a informação de uma contratação, pontual, para a participação numa festividade. Reconhece-se, ainda, a adaptação progressiva e necessária às atividades, pois se a referência de Pinho remete para a participação no espaço da procissão a de Diniz acrescenta a prática de “tirar esmolas”. Nas fontes primárias vamos encontrar as referências aos agrupamentos de músicos, no contexto das festividades religiosas, nomeadamente na procissão, enquadrados em vários outros grupos, que vão das danças à representação teatral. Identifica-se nestas participações uma característica que se tornará intrínseca e que qualificamos por plasticidade, fruto da adaptação às necessidades funcionais e que permitem uma constante reinvenção garante da evolução e presença, destes agrupamentos nestes espaços festivos, ao longo de cinco séculos.

Esta interdisciplinaridade plástica, vê-se retratada numa citação da *Relacão do solenne Recebimento das santas Relíquias que forão levadas da See de Coimbra, ao Real Mosteyro de Santa Cruz*, contida na obra de Ernesto Pinho e que descreve o seguinte:

“A festa realizou-se em 29 de Outubro desse mesmo ano (1595) e com uma solenidade que sobre ela se mandou imprimir no ano seguinte um livro, em que o autor, «hum sacerdote canonista», descreve pormenorizadamente tudo o que envolveu esta majestosa celebração. Música, poesia, dança e teatro, foram ao mesmo tempo oração, arte, divertimento e espectáculo, num cenário em que se combinou perfeitamente o som, a palavra, a cor, o gesto e o movimento. Da música de vozes à música de instrumentos, da música sagrada à música profana desde a mais elevada espiritualidade cristã à mais clássica expressividade pagã, desde o ritual religioso e devoto, à mais espetacular representação dramática, desde a mais santa e histórica cena bíblica, à mais lendária criação mitológica – em todas estas




FREGUESIA
QUELUZ - BELAS
a crescer consigo



VISITE A FREGUESIA DE QUELUZ E BELAS

Rua Conde de Almeida Araújo, 44 - 2745-061 Queluz | Telf. 21 434 66 10 | Fax. 21 434 66 19 | Email: geral@fj-queluz.pt
Praça 5 de Outubro, 14 - 2605-021 Belas | Telf. 21 432 88 70 | Fax. 21 432 88 79 | Email: secretaria.fbelas@gmail.com
Praceta Dona Isabel de Portugal, 11 Loja D - 2605-651 Belas | Telf. 21 437 80 84

Eurídice

circunstâncias a música de instrumentos teve o seu papel principal”.

As referências às várias atividades onde os instrumentos tiveram o “papel principal”, poder-se-ão traduzir em práticas como a “procissão”, o “tirar esmolas”, as “cavalladas”, as “touradas” e os “concertos”, que, com a devida evolução, vão ser constantes desde, pelo menos, o século XVI até ao século XXI e aparecem quase sempre associadas às festividades religiosas.



Banda do Ateneu Vilafranquense, praça de toiros Palha Blanco-Vila Franco de Xira, 1973

Quanto ao número de instrumentistas, as fontes não são esclarecedoras. Referenciam uma variação que vai de três a um número indeterminado. Já quanto à constituição instrumental poder-se-á verificar a presença, do ponto de vista organológico, de quase todas as famílias históricas dos instrumentos que fazem parte das Bandas na atualidade, bem como a representação das quatro vozes harmónicas, mais a percussão.

Vejamos então, no quadro que se segue, a referência a instrumentos encontrados, nas fontes consultadas, entre o século XVI e o século XVIII:

Vozes/definição	Instrumentos
Soprano	Tiplo de Pau, Bue de Metal, Bue de Pau, Charamela Soprano
Alto	Contralto de Pau, Charamela Contralto
Tenor	Tenor de Pau, Charamela Tenor
Baixo	Baixo de Metal
Generalista	Trombetas, Charamelas, Clarinetas, Instrumentos Músicos, Instrumentos
Percussão	Marimbas, Tibales, Atabales, Tambor



Banda Marcial de Fermentelos, Aveiro 1960

No período e nas fontes sobre o qual sustentámos o nosso estudo, verificamos uma multiplicidade de definições para os agrupamentos, sendo que essas definições remetem algumas vezes para a interação com grupos de dança ou teatrais e se traduzem por expressões como: “danças de música”, “instrumentos músicos”, “instrumentos”, “charamelas”, “clarinetas”, “chacotas” e “folias”. cremos que

estes grupos com músicos diferem na sua constituição apenas na medida da sua especificidade musical, dramática ou de dança.

Assumem-se estas definições como antecedentes de “Banda”, na medida em que identificamos “Banda”, não de acordo com critérios organológicos, número de efetivos ou repertório, mas de acordo com critérios práticos, performativos, do espaço que ocupam nas performances e do modelo formatura que apresentam. Tal como posteriormente, vamos assistir à evolução da nomenclatura, por extensão de sentido, desde Banda de Música, Banda Marcial, Associação Cultural Recreativa, Sociedade Filarmonica, até a Banda Sinfónica.

A afirmação anterior ganha enfoque quando os argumentos são suportados pela descrição das festividades, nomeadamente das procissões, que se realizaram em Portugal, que do ponto de vista do modelo não diferem muito das festas e procissões realizadas em Itália, onde, segundo Tomás Borba, foi usado, pela primeira vez, o termo “Banda” para definir um conjunto de músicos tocando instrumentos de sopro e percussão e onde também assistimos à presença destes agrupamentos a delimitar espaços da procissão.

Para reforçar a argumentação, socorremo-nos de um texto descritivo de um espaço na procissão que embora se refira a uma formatura militar, pode ser extrapolado para o raciocínio que pretendemos demonstrar.

“Servia de escolta militar às figuras precedentes hum esquadrão de 24 Soldados repartidos em duas alas a 12 por banda, e seu Tambor no meio. Vestião todos à Mourisca de sedas ricas e varias na cor com suas bandas pendentes ao hombro, e turbantes encarnados na cabeça paflemanados de ouro, sobre os quais levãtava huma Lua por diviza.” (P-Ln H.G. 6767/1 V).

No texto anterior, substantivo feminino “Banda” caracteriza-se pelos múltiplos significados que assume, ao longo da sua evolução etimológica, sendo que: nas diversas rubricas que abarca a sua extensão de significado, mantém sempre um denominador comum que é o caráter delimitador. Este limite é um espaço abstrato e aleatório, representando linhas quiméricas de tecido, de terreno, de navios, que também pode traduzir-se num conjunto (linha) de músicos instrumentistas.

Outro aspeto a considerar, na objecção da origem militar das Bandas é o facto de, embora se encontrem relatos da participação de grupos de militares, incluindo músicos nas procissões, não se conhecem registos de músicos ou agrupamentos civis participando em cerimónias militares. Esta hipótese poder-se-á explicar, pelo carácter informal evidenciado por estes agrupamentos, realidade, pouco estimada nas instituições castrenses.

Em síntese, como resultado da análise sistemática dos documentos descritos admite-se demonstrar a hipótese relativamente à origem das Bandas, em Portugal, centrada no contexto religioso, podendo a sua própria definição estar intrinsecamente ligada a aspetos práticos e performativos, mais do que a critérios técnicos organológicos e musicais. Intensificamos a convicção quando compreendemos que um conjunto de atividades religiosas, em que estes agrupamentos participam, se mantêm inalteradas ao longo de cinco séculos.

Nesta medida consideramos como precedentes da Banda Comunitária de Carácter os agrupamentos referenciados anteriormente que se caracterizam por unidades plásticas presentes nas mais variadas atividades civis e religiosas e que, mantendo a sua independência institucional, resultam de um processo de desenvolvimento formal e organizacional centrado em aspetos funcionais mantendo esta atividade como complementar, sacrificando a sua identidade individual dos músicos a favor da coletiva.

Numa projecção qualificativa que permita, no futuro, caracterizar integralmente o agrupamento, propõe-se a designação: **BANDA COMUNITÁRIA DE CARÁCTER**, por esta adoptar todos os apanágios do agrupamento desde a sua origem, por volta do século XVI até ao século XXI. **Banda:** pela sua história centrada na de-

limitação dos espaços performativos em que os grupos participavam. **Comunitária:** pelo facto de ser no seio da comunidade que os agrupamentos se tornavam funcionais e por ser esta, que os suporta material e humanamente. **Carácter:** Por se considerar que, através do processo de desenvolvimento formal, institucional e artístico, estes agrupamentos assumem, ao longo dos tempo, caracteres diferentes, de acordo com aspetos sociais, geográficos, culturais e religiosos.

Observa-se em Portugal a existência de quatro caracteres diferentes: **Carácter Religioso**, (que é transversal à maioria das Bandas), **Carácter de Intertentimento**, (passeio, romaria ou feira), **Carácter Tauromáquico** e **Carácter Sinfónico ou de Concerto**, (o último a ser assumido e com variadas possibilidades no futuro).



António Rosa nasceu em Fermentelos, em 1970. Estudou trompete no Conservatório Calouste Gulbenkian (Aveiro) e percussão no Conservatório Nacional (Lisboa). Licenciou-se em Ciências Musicais pela FCSH-UNL e frequenta o segundo ano do Mestrado em Estudos Artísticos na FLUC. Integrou, nos anos de 1990/91 aquando do serviço militar obrigatório, o quadro da Banda da Região Militar do Norte, o quadro da extinta Banda da Região Militar do Centro e o quadro da Banda Sinfónica do Exército. Ingressa, por concurso público, em 1998 na Banda Sinfónica da PSP, ocupando o posto de Chefe Percussionista desde 2001, e monitor da disciplina de História e Estética da Linguagem Musical. Em 2012 coordena o naipe de percussão no primeiro estágio em performance realizado nesta Banda. Desde 2010 que leciona as disciplinas de percussão e História da Música no Conservatório D. Dinis, Odivelas. Colaborou, como instrumentista suplementar, com várias orquestras nacionais. Cooperou frequentemente, como percussionista, com Bandas Comunitárias de Carácter. Em Novembro de 2012 participou no II Encontro Nacional de Investigação em Música onde apresentou uma comunicação inserida no painel sob o tema "A Banda em Portugal". Paralelamente desenvolve trabalho de investigação no âmbito das Bandas Filarmónicas e prepara a sua dissertação de mestrado nesta mesma área.

**À VOLTA DE UM DELTA
HÁ SEMPRE LUGAR PARA MAIS UM.**



Eleito café de confiança há 13 anos consecutivos.

Este é o café dos amigos. O café da família. O café dos momentos de partilha. O café à roda do qual giram as nossas histórias, as nossas conversas e os nossos sonhos. Há 13 anos consecutivos que este é o café em que mais confiamos. Delta, marca de confiança dos portugueses.

Músicos Militares da Banda do Exército

Março 2014

POSTO	NOME	FUNÇÃO
Maj	João Maurílio de Caires Basílio	Chefe Titular
SCh	Manuel Carvalho Fonseca Babo	Subchefe
SCh	Fernando Jorge Magalhães	Clarinete
SAj	António Claudino Silva Dias	Trombone
SAj	Dulcínio Toni Pereira de Matos	Trombone
SAj	João António Viso Mota	Trompa
SAj	Francisco José Pires Paixão	Trompa
SAj	Luís Miguel Tomé Correia	Fagote
SAj	José António Alves Marques	Trombone
SAj	Alberto César Carreira Lages	Clarinete
SAj	Paulo Nuno Moço Lima Belas	Trompa
SAj	Luís Rafael F. O. Rodrigues Pinto	Tuba
SAj	João Manuel Martins Soares	Clarinete
SAj	Sérgio Alberto Ferreira Mendes	Clarinete
SAj	Luís Manuel F. Pereira Rodrigues	Contrabaixo
SAj	Óscar Humberto Pereira Viana	Oboé
SAj	Victor Manuel da Silva Mesquita	Clarinete
SAj	Manuel José Correia Pedras de Sousa	Trombone
SAj	Luís Carlos Garcia Cascão	Percussão
SAj	Manuel Maria da Silva Nunes	Trompete
SAj	João Pedro Lopes Rafael Azevedo	Fagote
SAj	Luís Miguel Rosa Pedro	Oboé
SAj	Luís Miguel do Rosário Balão	Clarinete
SAj	João Miguel Rolão Lopes	Bombardino
SAj	Daniel Rui Franco Silva Batista	Tuba
1Sarg	João Jorge dos Santos Salvador Belo	Flauta
1Sarg	Luís Miguel Martins Massano	Trompa
1Sarg	José Pedro Alves Vizinha	Saxofone
1Sarg	João Paulo Feiteira Paulino	Trompete
1Sarg	Artur Jorge Saturnino Barrinha	Trombone
1Sarg	Óscar Manuel Borges de Oliveira	Trompete
1Sarg	Bruno Ricardo Ferreira Peixoto	Saxofone
1Sarg	Cláudio André V. Panta Nunes	Violoncelo
1Sarg	Salvador António Santos Parola	Oboé
1Sarg	Bruno Miguel Caeiro Pascoal	Bombardino
1Sarg	Bruno Filipe Dias Moedas Praia	Clarinete
1Sarg	Miguel da Silva Mota	Percussão
1Sarg	João Manuel Soares de Lemos	Clarinete
1Sarg	Luís Filipe Barros de Sousa	Trompete
1Sarg	Ana Sofia Mateus Francisco	Flauta
1Sarg	Marco Alexandre Pereira Barbosa	Percussão
2Sarg	Pedro Filipe Ramos Lopes dos Santos	Tuba
2Sarg	Paulo Alexandre Graça de Sousa	Fagote
2Sarg	Carlos Eduardo Dias Gradíssimo	Violoncelo
2Sarg	Rui Alexandre da Silva Gil	Trompete

POSTO	NOME	FUNÇÃO
2Sarg	Luís Carlos Pereira Afonso	Clarinete
2Sarg	Hernâni Luís Teixeira Gonçalves	Bombardino
2Sarg	David dos Santos Crispim	Trombone
1Cb	Vasco Miguel Duarte Gomes	Trompete
1Cb	Leandro Filipe Horta Morais Silva	Saxofone
1Cb	Bernardo Piedade Venâncio	Saxofone
1Cb	Ricardo Jorge Silva Cípriano	Saxofone
1Cb	João Ricardo Freire Bernardo	Trompete
Sold	Marta Faria Loureiro	Trompete
Sold	Ricardo Daniel Santos Duarte	Saxofone
Sold	Tiago Urbano Pires	Clarinete
Sold	Rúben Carlos da Conceição A. Leiria	Clarinete
Sold	Hélio Fernando Rocha Ramalho	Saxofone
Sold	André Filipe Ferreira Lança	Saxofone
Sold	João Miguel Gouveia Gonçalves	Percussão
Sold	Micael Narciso Nuncio Toito	Percussão
Sold	Vitor Hugo Ramalho Medinas	Trompa
Sold	André Filipe Santinha	Trompete
Sold	Fábio Manuel Almeida Silva Matias	Trombone
Sold	Sérgio Filipe Antunes Sobral	Clarinete
Sold	Diogo André Monteiro Nascimento	Trombone
Sold	Carlos André Pinto da Silva	Clarinete
Sold	Fábio André Borrego Cachopas	Trombone
Sold	Fábio Manuel Caetano Serrano	Saxofone
Sold	Manuel Fernando de Sousa Vieira	Trompa
Sold	Michael Serrão Varela	Clarinete
Sold	Tiago André Pinto Loureiro	Percussão
Sold	Diva Isabel Ramos Ventura	Fagote
Sold	André António Ramalho Surra	Clarinete
Sold	André Filipe Henriques Costa	Trompa
Sold	João Carlos Carvalho Portela Santos	Bombardino
Sold	João Vasco Leitão Balegas	Oboé
Sold	Alexandra Maria Cupertino Duarte	Trompete
Sold	Ricardo Rafael Pinheiro Conde	Trompa
Sold	Sofia Sousa Cimbron	Clarinete
Sold	Diogo André Brazão Soares	Trombone
Sold	João Vitor Alves	Contrabaixo
Sold	Jorge Miguel Pereira	Percussão

41º CFS

Furr AL Luís António dos Santos Ferrão Clarinete

Ciclo das Bandas Militares e Militarizadas em Portugal

Artigo elaborado pelo 1º Tenente Délio Gonçalves



Banda da Armada



Os primeiros dados seguros da existência de músicos na estrutura da Marinha datam de 1740 e é ainda do séc. XVIII a primeira imagem que se conhece do agrupamento do 1º Regimento da Armada Real. Ao longo da história da Banda, a sua denominação e número de músicos foram-se alterando numa permanente adequação aos procedimentos em uso na época. Por esta altura, na década de 1790, era maestro o italiano Caetano Tozi.

Em 1797 era criada a Brigada Real de Marinha cuja “música marcial” era dirigida pelo maestro italiano Pascoal Corvalini e que em 1807 acompanhou a Família Real na sua viagem para o Brasil, onde a maior parte dos músicos acabariam por ficar.

Em 1840, após a dissolução da Brigada Real de Marinha, a “charanga marcial” do Batalhão Naval era

dirigida pelo maestro alemão Mark Holzel que, seguindo conceitos prussianos, introduziu novos instrumentos destacando-se um parecido com a atual lira.

Em 1863 o maestro era o belga Arthur Reinhardt e nesse ano realizou uma série de concertos em Bordéus quando acompanhou a viagem de D. Fernando pela Europa.

Em 1889 passa a ser chefe da “música” António Maria Chéu, primeiro maestro português e primeiro com graduação de oficial. É sob a batuta de Chéu que o agrupamento se passa a chamar “Banda dos Marinheiros da Armada” e que, em 1903, gravou 26 temas e outros tantos discos, dos quais existe um exemplar no nosso país, em poder da Banda da Armada, doado pela família Cutileiro à Marinha e os restantes 25 nos arquivos da

Eurídice

EMI em Inglaterra. Durante anos foram estas consideradas as primeiras gravações realizadas em Portugal. Foram agora descobertas gravações de 1900.

Entre 1912 e 1920 o maestro passou a ser José de Oliveira Brito e em 1918 foi estabelecida uma nova organização da música na Marinha passando a banda a denominar-se Banda de Música da Escola Central de Recrutados do Alfeite. Ainda em 1919, o decreto nº1652 publicado na Ordem da Armada regulamenta um novo quadro de 93 músicos, contemplando já 4 contrabaixos de corda.

De 1920 a 1955, na mais longa chefia da Banda, o maestro foi Arthur Fão. Compositor e pedagogo, escreveu obras teóricas que ainda hoje são referência. Em 1922, embarcada no navio presidencial Porto, acompanhou o Presidente da República Dr. António José de Almeida na viagem oficial para participar nas comemorações do 1º Centenário da Independência do Brasil.

Entre 1956 e 1975 a Banda foi chefiada por Marcos Romão, maestro, compositor e considerado o fundador da escola portuguesa de clarinete.

Entre 1976 e 1987 a chefia esteve a cargo de Manuel Maria Baltazar. Em 1982 a Banda deslocou-se à Madeira integrada nas cerimónias do Dia da Marinha e a Paris onde participou no Festival Internacional de Bandas Militares; e em 1983 realizou concertos nas nove ilhas dos Açores integrados no Dia da Marinha.

Entre 1987 e 2005 assumiu a chefia José de Araújo Pereira. Deste período destacamos em 1988 a deslocação à Madeira ao XI Festival de Bandas Militares. Em 1992 duas viagens aos Açores e a deslocação a França/Chateaudun, onde participou no 5º Festival Internacional de Música Militar; em 1994 deslocou-se aos EUA/Norfolk para participar no XII Festival Internacional das Azáleas; em 1999 foi-lhe concedida a Medalha de Ouro de Serviços Distintos pelo Almirante CEMA.

Em 2007 embarcou nos NRP “Sagres” e “João Roby” para participar no Dia da Marinha nos Açores.

Em 2008 deslocou-se à Alemanha/Bremen, onde partici-

pou no 44º Musikschau der Nationen e foi à Madeira e Porto Santo participar no Dia da Marinha. Durante este período desenvolveu uma parceria com o teatro o bando que se consubstanciou em duas obras: a iniciativa didática “Projecto Tartaruga” e “Saga, ópera extravagante” que conquistou diversos prémios da crítica em Portugal e uma nomeação de referência nacional.



A Banda da Armada é um órgão de natureza cultural e desenvolve um trabalho de grande interesse público tanto ao nível do cerimonial militar e do protocolo de Estado, como no âmbito cultural e da promoção da imagem da Marinha no exterior. Com 39 trabalhos discográficos editados em toda a sua história, privilegia hoje a excelência e a inovação nas suas apresentações e o contacto da Marinha com as camadas jovens através de sessões organizadas em parceria com um grande número das escolas do ensino oficial em Portugal.

Fazem parte dos seus quadros alguns dos melhores instrumentistas da atualidade portuguesa e ao longo da sua história têm pertencido e continuam a despontar nas suas fileiras, vários compositores e maestros de reconhecido mérito.

A Banda da Armada foi chefiada pelos seguintes maestros: Caetano Tozzi (italiano), Pascoal Corvalini (italiano), Mark Holzel (alemão), Artur Reinhardt (belga) e os portugueses: António Maria Chéu, José de Oliveira Brito, Arthur Fernandes Fão, Marcos Romão dos Reis, Manuel Maria Baltazar, José Joaquim de Araújo Pereira, Carlos da Silva Ribeiro e desde 2010 pelo 1TEN MUS Délio Alexandre Coelho Gonçalves.



ENTREVISTA

Délio Gonçalves

Maestro 1º Tenente Músico,
Chefe da Banda da Armada Portuguesa

TEXTO **1Sarg MUS Ana Francisco**

FOTO **SAj MUS João Azevedo**

Eurídice: Como e onde iniciou os seus estudos musicais?

1º Tenente Délio Gonçalves: Iniciei os meus estudos musicais no final dos anos 70, início dos anos 80, onde a maioria do ensino da música em Portugal, e fundamentalmente o que diz respeito a instrumentos de sopro, se iniciava e lecionava nas bandas filarmónicas. Eu, tal como a maioria das crianças e jovens desse tempo, também me iniciei numa coletividade! Na coletividade da minha terra, em Azambuja, no Centro Cultural Azambujense.

Qual foi o seu percurso académico como instrumentista até chegar à Banda da Armada?

Iniciei-me no Clarinete, que era e é o instrumento mais comum e com a maior família nas bandas. Depois, em meados dos anos 80, a Secretaria de Estado da Cultura abriu os chamados Centros de Formação de Instrumentistas de Sopros, um pouco por todo o país, nomeadamente em Azambuja, e que visavam na altura, estimular e introduzir a aprendizagem de alguns instrumentos não tão comuns e de difícil acesso, não só em termos financeiros mas também técnicos para a época! Tais como o Oboé e o Fagote. Foi nessa altura que me iniciei e dediquei ao Fagote.

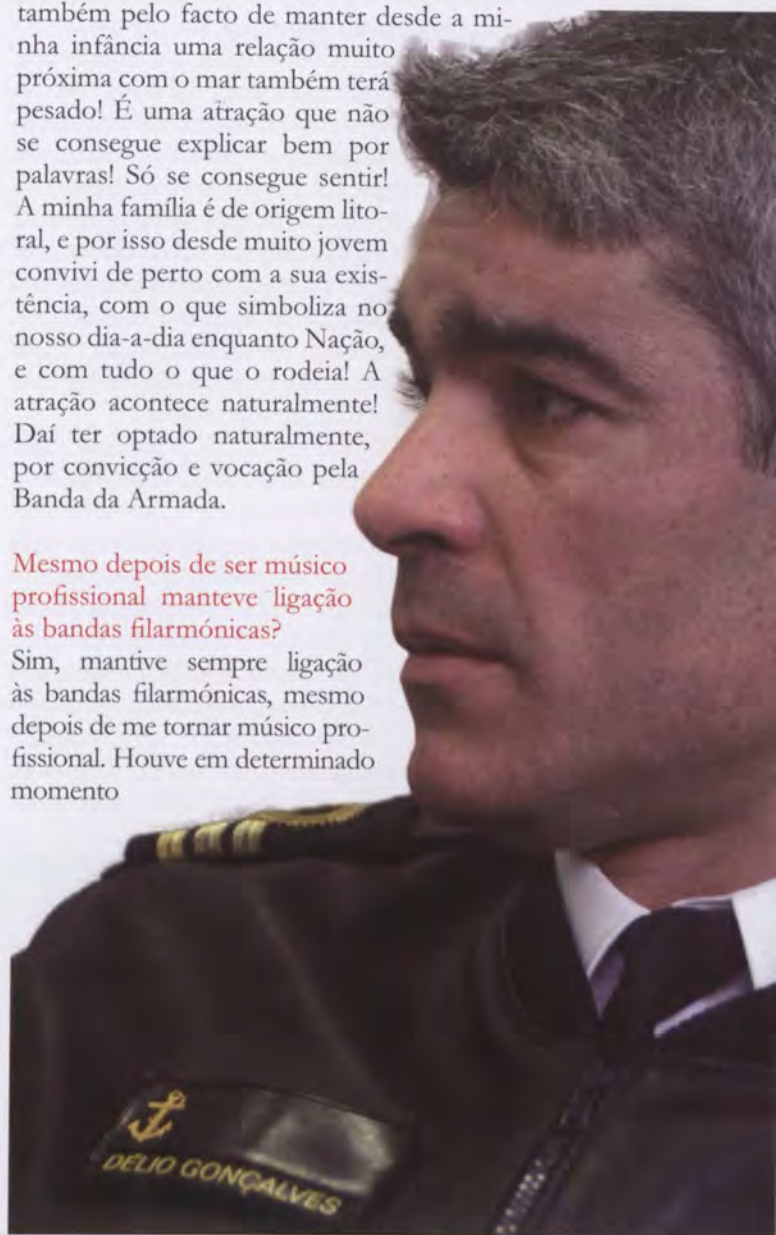
A partir de que momento decidiu seguir a carreira militar e quem o influenciou?

Naturalmente, tal como todos os jovens que procuram fazer vida profissional na sua área e por isso procuram sempre o melhor e no meu caso concreto o que achei ser o melhor, o melhor agrupamento e aquele onde gostaria de estar e pertencer! Penso que de forma até algo inconsciente, e mesmo sendo a Banda da Armada um agrupamento com ilustres pergaminhos, o que naturalmente atrai qualquer um que queira fazer vida profissional na música, tal como eu na altura procurei, o facto de em determinada altura a possibilidade de fazer carreira na música começar a tomar consistência e de nesse momento da minha vida, conviver com alguns músicos profissionais militares que eram e continuam a ser grandes referências na música, nomeadamente o ex-chefe da Banda da Armada, o comandante Carlos Ribeiro enquanto grande saxofonista na altura e já Maestro da Banda da Armada, e simultaneamente maestro de uma filarmónica vizinha da minha terra, o ex. Sargento-Mor Carlos Medinas, que era fagotista da Banda da Armada e que chegou a dar-me algumas aulas nos tais Centros de Formação de Instrumentistas de Sopro, ou o Sargento-Ajudante Paulo Gaspar, clarinetista da Banda da Armada e meu amigo de infância, crescemos e convivemos juntos! Tenha pesado em definitivo. Depois,

também pelo facto de manter desde a minha infância uma relação muito próxima com o mar também terá pesado! É uma atração que não se consegue explicar bem por palavras! Só se consegue sentir! A minha família é de origem litoral, e por isso desde muito jovem convivi de perto com a sua existência, com o que simboliza no nosso dia-a-dia enquanto Nação, e com tudo o que o rodeia! A atração acontece naturalmente! Daí ter optado naturalmente, por convicção e vocação pela Banda da Armada.

Mesmo depois de ser músico profissional manteve ligação às bandas filarmónicas?

Sim, mantive sempre ligação às bandas filarmónicas, mesmo depois de me tornar músico profissional. Houve em determinado momento



algum afastamento do amadorismo, mas isso deveu-se ao facto de ter de dispendir muito tempo ao estudo, e de ter obrigatoriamente de percorrer outros caminhos na minha formação académica, não por falta de vontade! É normal que isso tenha de acontecer! Hoje em dia acontece ainda muito com os jovens que iniciam a sua vida profissional e muitas vezes por causa da distância onde a desenvolvem ou desenvolvem os seus estudos! Mas ainda assim e mesmo na minha fase mais erudita, mantive sempre contacto com o mundo amador.

O que o levou a enveredar pela direção musical?

Foi inicialmente casual. A música não existe só porque existem executantes, existe uma série de outras vertentes e áreas indispensáveis relacionadas, que fazem o mundo da música trabalhar como um todo. E conforme vamos evoluindo profissionalmente, e dependendo do ponto de maturidade de cada um! Mais cedo ou mais tarde, quase que inevitavelmente somos obrigados a contactar com outras realidades e necessidades profissionais. Faz parte do percurso artístico e da vi-

Eurídice

vência profissional de cada um! A direção até então, nunca tinha sido uma ambição ou um objetivo profissional. O que aconteceu foi que na realidade uma necessidade pontual, viria a tornar-se uma necessidade efetiva por parte da escola onde eu tinha estudado e onde mais tarde dei aulas. Houve na escola inicialmente necessidade de um professor para os agrupamentos de música de câmara e para a qual fui convidado. Inicialmente com pequenos grupos, só que entretanto também a escola cresceu, e os agrupamentos de música de câmara também! Propus então na altura, a fim de poder chegar aos alunos todos, a criação de um grupo mais alargado, uma orquestra de sopros, para a qual acabaria também por ser convidado a assumir a direção. As coisas surgiram naturalmente! Como eu não tinha qualquer formação na área de direção, tive de a procurar! Foi uma necessidade!

Era seu objetivo quando foi para a Banda da Armada vir a ser seu chefe?

Não, de forma alguma! Não acredito que alguém tenha essa petulância e veleidade! Acho que em princípio e por princípio, ninguém entra nem deve de entrar numa banda militar com o objetivo de vir um dia a ser chefe da banda! Pode até ambicioná-lo! Mas acaba por ser uma coincidência temporal e casuística. Reconheço no entanto que se não estivesse preparado na altura, não haveria casualidade que me socorresse na ambição! Mas isso são contas de outro rosário! Temos de ter a inteligência para saber projetar a carreira e aproveitar as eventuais oportunidades quando surgirem! Temos de estar preparados e se o destino assim o quiser e possibilitar, pois claro, cá estaremos! Mas a esse respeito posso dar-lhe o exemplo de vários militares que passaram pela Banda da Armada, músicos de excelência, em absolutas condições profissionais para o poder ser que tiveram essa ambição, mas a carreira e o momento da passagem pela carreira nunca o possibilitou na Banda da Armada! Possibilitou noutra congénere. Quem entra numa organização e num agrupamento com as características do nosso com essa ideia, está logo deslocado à partida! Pode andar frustrado uma vida inteira! Para já, porque a base do seu dia-a-dia, bem como a carreira de qualquer músico que entre na Banda da Armada, como em qualquer outra banda militar, desenvolve-se não só, mas fundamentalmente na sua performance como instrumentista. E a exigência aí é muito alta, é necessário muito empenho, muito estudo, sacrifício e dedicação ao instrumento!

Onde e quando frequentou o curso de direção?

Na Holanda. Na mesma altura em que começava a desenvolver trabalho na direção, aconteceu que necessitava de encomendar uma obra de Johan de Meij e num dos contactos que fiz para a editora para encomendar a obra pretendida, foi o próprio Johan de Meij que atendeu o telefone, uma vez que ele tinha a sua própria editora. No decorrer dessa conversa surgiu a sugestão de ir estudar para a Holanda. Fiz as provas de acesso, entrei e fui estudar para Maastricht como aluno externo do professor Jo Conjaerts. Foi um período que exigiu muito sacrifício pessoal, e não só. Financeiro também! Tive que abdicar de outras coisas. De muitas coisas! E conciliar a minha vida profissional e pessoal com os meus dias de férias para me poder deslocar à Holanda sempre que era exigido e necessário, mas no final, valeu a pena! Aprendi muito e terminei o curso em 2001.



Quando terminou o seu curso de direção em 2001 foi quando teve a oportunidade de ser chefe da Banda da Armada?

Foi no ano a seguir. Essa foi uma coincidência temporal. Em 2002 abriu o concurso e, como já referi anteriormente, nunca tinha pensado em ser Maestro, muito menos Oficial Chefe de Banda, mas a verdade é que as coisas aconteceram, eu tinha-me dedicado à direção e estava preparado para o concurso e profissionalmente para o cargo. Tinha consciência de que como instrumentista seria complicado dedicar o tempo necessário ao instrumento e com isso manter as duas performances em simultâneo e conseguir manter o nível artístico necessário a ambas. Portanto, foi uma decisão natural que decorreu na continuidade do percurso profissional.

O que sente em ser maestro da banda militar mais antiga de Portugal?

Sinto, naturalmente, um orgulho muito grande! Por outro lado, sinto a responsabilidade acrescida de fazer juz à história e aos pergaminhos da banda e da organização que ela representa.

Esta mudança de funções e responsabilidades na mesma instituição levou a alterações na sua perceção da Banda da Armada e da própria Armada?

No funcionamento da banda não, pois eu já tinha uma vida muito ativa dentro da banda há mais de 10 anos. No funcionamento da instituição sim. A partir desse momento, inevitavelmente, fui obrigado a ter contacto com outras áreas, com as chefias, com a visão e estratégia que têm dela, com a opinião e consideração que a própria instituição tem da banda, e naturalmente também com a imagem que pretende da mesma, que é por si só um espelho público daquilo que é a própria organização e do que ela representa, não só em termos culturais, mas também institucionais e sociais. A banda é um meio importantíssimo de divulgação e representação da Armada Portuguesa, logo há sempre um cuidado acrescido para que a simbiose entre a parte profissional artística e a parte cultural e social seja perfeita. Quando a banda tem um concerto, seja ele qual for, há sempre a grande preocupação estética no tratamento e cuidado da sua imagem, do que torna público, e naturalmente também no repertório que apresenta.

De quem depende hierarquicamente a Banda da Armada e como funciona a cadeia de comando?

A Banda da Armada funciona na dependência da Comissão Cultural de Marinha, que é uma Direção que

tem na sua dependência todos os Órgãos de Natureza Cultural da Marinha. Não só a Banda, como também o Museu da Marinha, o Planetário Calouste Gulbenkian, o Aquário Vasco da Gama, a Academia de Marinha, a Revista da Armada, a Fragata D.Fernando II e Glória e a Biblioteca Central da Marinha. Qualquer assunto ou questão relacionada com a Banda passa sempre e é reportado ao Diretor da Comissão Cultural de Marinha. Sejam assuntos relacionados com recursos humanos ou quaisquer outros, património, quando falo do património falo do instrumental, das instalações, enfim tudo.

Para requisitar a Banda da Armada que formalidade é necessária cumprir para que esta atue num concerto público e que requisitos são exigidos à entidade que requisita a banda?
É necessário contactar formalmente a Comissão Cultural de Marinha a solicitar a Banda. Como requisito é exigido o que for necessário à entidade que a solicita, para fazer face à atuação da Banda.

Quais foram os desafios mais importantes que teve enquanto chefe da Banda da Armada?

Não tenho tendência a fazer referências particulares ou a considerar algum trabalho ou algum momento mais desafiante que outro profissionalmente. Acho que o grande desafio é o dia-a-dia. Até porque não diferencio o trabalho, isto é: é para mim e para a Banda, tão importante tocar no CCB ou na Casa

da Música como tocar numa aldeia na província. Essa diferenciação, na qualidade, na postura e na forma de trabalho não existe. É claro que existe cuidado estético e na escolha do repertório e nos formatos de concerto, mas isso decorre de acordo com o público-alvo, com a efeméride, com a localização geográfica, etc., mas o empenho é sempre o mesmo. Não nos podemos esquecer que o que fazemos é para as pessoas! E sem elas não existe público! Sem público não há concertos! Não tenho nada em particular a fazer referência porque, de facto, no âmbito artístico temos tido muita coisa diferenciada com importância relativa em função do sítio, do momento, do espaço. Faço questão de não destacar nada. Talvez para mim, o meu primeiro concerto enquanto Maestro Oficial da Armada. Mas só por ter sido o primeiro.

Fale-nos um pouco do ingresso de novos músicos na Banda da Armada, em que moldes se faz a renovação de quadros?

O ingresso na Banda faz-se através de concurso público. É aberto concurso, os jovens que têm condições propõem-se ao concurso, são efetuadas provas, e naturalmente os melhores entram. Os concursos são abertos para colmatar as falhas que existem no efetivo da Banda. O último ingresso fez-se em Dezembro de 2013 com três músicos. Desde 2010 que não entrava ninguém para a Banda da Armada.

Em que patamar de qualidade enquadra a Banda da Armada no panorama musical nacional?

TROVADOR

Reparação e Venda de Instrumentos Musicais

Oficina própria

Loja em Lisboa - Rua do Alecrim nº 29, 1200-014 Lisboa

Telf.: 213 431 078 / 968 901 643 / 962 837 847 • Fax.: 261 41 32 42

Loja Açores - Rua Dr. Aristides Mota nº 57 A, 9500-054 Ponta Delgada - S. Miguel

Telf.: 296 281 445 / 962 837 847 • Fax.: 261 41 32 42

trovador.musica@gmail.com • trovador_emusica@sapo.pt

www.otrovador.com • facebook.com/otrovadorinstrumentosmusicais



Eurídice

Ao mais alto nível dos agrupamentos congêneres e com estrutura sinfônica semelhante. Faz um trabalho ao mesmo nível que qualquer banda ou orquestra sinfônica profissional. Agora se me pergunta, e sendo eu o maestro da Banda da Armada, qual é a melhor banda do país e do universo, claro que lhe respondo de imediato e sem qualquer desconsideração, arrogância ou petulância a respeito de outros, que é a minha banda! A Banda da Armada Portuguesa. Para mim esta é e será sempre a melhor banda do mundo! Tenho comigo os melhores músicos da atualidade. São os meus!

E as outras bandas militares e militarizadas?

Considero que a instituição militar, no seu todo, tem profissionais de excelência. Não há razões para não estarem em níveis idênticos. A atual conjuntura tem sido difícil para todas, se calhar em alguns momentos e particularmente em alguns momentos conjunturais tem sido mais difícil para uma ou outra, que se vê minimizada nos recursos humanos, o que afeta intensamente e decisivamente as suas capacidades orquestrais, artísticas e profissionais, mas esse embate tem de ser encarado e resolvido com muita destreza, para que possa ser minimizado. Nem sempre é fácil e pode não ser possível resolver ou resolver em tempo útil, o que pode trazer prejuízos irreparáveis, ou que podem levar muito tempo a reparar.

Na atual conjuntura social e económica do nosso país, como vê o futuro das bandas militares?

Vejo sempre tudo e procuro sempre ver o que me rodeia com positividade. Recomendando a leitura de um livro de um elemento da Banda da Armada, a 1º Sargento Vera Pereira, feito aquando da sua tese de mestrado e editado à posteriori pelas edições da Comissão Cultural da Marinha: Música e Poder Simbólico (A Banda da Armada como paradigma nacional), no qual o título por si só é bastante elucidativo. E recomendo-o porque a temática do mesmo é centralizada na Banda da Armada, mas também no que a música e as bandas militares representam na organização militar e no país. A forma, a importância, a relevância cultural, a importância intelectual e social, o poder e a grandeza manifestados através do som. Essa importância e relevância toda conjugada, que a mesma tem tido no nosso país e além-fronteiras, ao longo dos séculos, dentro e fora das instituições militares que representam ao serviço da Nação. Penso que ajudará a compreender o seu passado, presente e preparar o futuro! A compreender melhor o seu trabalho e a sua importância nos diversos níveis da sociedade e sociais. O livro explica muita

coisa! Ressalvo a importância das bandas militares na música e na cultura em geral. Reconheço que a Banda da Armada é acarinhada, é compreendida e é reconhecida dentro e fora da instituição que representa e é para a mesma tida como um dos seus ex-libris onde o seu trabalho é considerado de extrema importância e relevância, não só ao nível do trabalho a que tem de corresponder institucionalmente, como ao nível do cultural e social! E que a mesma pesa de forma decisiva na imagem interna e externa da organização que representa: A Marinha Portuguesa.



Qual deveria ser para si o conceito de banda militar? Mudava alguma coisa?

No seu conceito não mudava nada. Na conceção se pudesse acrescentava mais. O grande desafio dos próximos anos é poder acrescentar algo, nomeadamente na parte orquestral, aumentar a capacidade existente.

Quem são no seu entender os maestros de referência nacionais e estrangeiros, nomeadamente para orquestra de sopros?

Tenho como referência o meu professor, Jo Cojaerts. Naturalmente, pesa em mim essa pessoa e vai sempre pesar, porque foi com ele que trabalhei e que quis trabalhar! Tenho nele naturalmente a minha referência na direção e na forma de trabalhar. A este respeito já fui algumas vezes mal interpretado com o que digo, mas a verdade é que no que diz respeito aos maestros portugueses tenho pouco a dizer por que nunca trabalhei com nenhum. Seria injusto estar a nomear alguém com quem nunca trabalhei. Poderia citar uma lista de nomes de grandes maestros por aquilo que é conhecido historicamente, pelo trabalho que fizeram e pelo grande legado que deixaram, que lhes é sobejamente reconhecido publicamente. Essas pessoas são naturalmente referências históricas, impossíveis de apagar. Mas para mim como aluno e como maestro é difícil tê-las como referência, somente por nunca com elas ter trabalhado e com muitas delas nem sequer ter tido oportunidade de conviver em vida. Tenho várias referências musicais e há pessoas por quem tenho uma consideração extrema, por exemplo, a pessoa que me começou a ensinar música e me aturou quando eu tinha sete, oito anos. Outro exemplo é o meu professor de Fagote que num momento importante da minha vida (transição da adolescência para a maturidade) me fez crescer, compreender a música e ter uma visão própria da mesma, e por fim o meu professor de direção, a pessoa que me ensinou a tocar o grande instrumento que é uma Orquestra.

Existe algum projeto para o futuro com a Banda da Armada que queira destacar?

Há sempre vários projetos em mente, mas que é preciso espaço para os desenvolver, é preciso encontrar o “timing” certo. E como esses projetos não dependem só da Banda da Armada é preciso esperar e encontrar a simbiose adequada à realização dos mesmos, uma vez que interagem com elementos, artistas externos à banda.



NOTÍCIAS

TEXTO 1Sarg MUS Óscar Oliveira



Foto: João Azevedo

Atuação da Banda do Exército no Teatro S. Pedro em Abrantes

A Escola Prática de Cavalaria festejou em 12 de Abril de 2013 o seu dia festivo. O programa das comemorações do 123º Aniversário da EPC integrou um concerto pela Banda do Exército pelas 21.30h, no Cine-Teatro São Pedro em Abrantes. A sala do Cine-Teatro encheu por completo para assistir a mais uma grande performance da Banda do Exército dirigida pelo seu Chefe Adjunto Maestro Capitão CBMus João Oliveira, executando obras como "Fanfare Overture" de Lino Guerreiro, "Academic Festival" de Johannes Brahms e a tema do filme "A Lista de Schindler", interpretado pela 1Sarg Ana Francisco. Este concerto contou com a presença de altas entidades militares e civis e representantes da Cidade de Abrantes.

Concerto na Torre da Marinha

A Banda do Exército realizou na noite do dia 23 de Fevereiro de 2013 pelas 21.30h, um concerto no Pavilhão Municipal da Torre da Marinha promovido pela Escola das Artes, no âmbito da II Grande Gala do Inde-

pendente Futebol Clube Torrense. Esta atuação teve a participação da Escola de Dança *Next*, do Grande Coro IFCT e da cantora Yolanda Soares, que com a sua magnífica voz, superiormente acompanhada pela Banda do Exército, dirigida pelo seu Chefe Adjunto Capitão João Oliveira, encantou toda a plateia presente no Pavilhão ao som de temas como *Vozes da Primavera* de Richard Strauss. O espetáculo proporcionado a todos os presentes foi muito apreciado pela qualidade e variedade musical e artística, evidenciado na combinação dos sons dos instrumentos da BE e da voz de Yolanda Soares.



Eurídice

Concerto em Almoçageme



Foto: João Azevedo

No dia 12 de Maio de 2013, a Banda do Exército deslocou-se à bonita aldeia de Almoçageme, encostada à serra de Sintra e com o Atlântico como pano de fundo, para realizar um concerto público no Pavilhão dos Bombeiros Voluntários de Almoçageme. Este concerto, promovido pela Junta de Freguesia de Colares, visou levar a música e a cultura às populações, através da Banda do Exército que tem como uma das suas missões este tipo de divulgação. Esta atuação decorreu ao final da tarde e do programa de concerto fizeram parte três obras a solo, executadas por dois elementos pertencentes aos quadros da BE e filhos desta terra,



Foto: João Azevedo

o 1Sarg Cláudio Nunes com a obra para Violoncelo e Banda "Vocalise" de Rachmaninoff e o 1Sarg Salvador Parola com uma obra de Rimski Korsokov intitulada "Variações para Oboé e Orquestra de Sopros" e pela cantora Rita Biscoito.

Banda do Exército no Parque Municipal de Vila Nova da Barquinha

Pelas 21.30h do dia 22 de Maio de 2013, a Banda do Exército realizou o já habitual concerto ao ar livre no Parque Municipal de Vila Nova da Barquinha. Este concerto integrou as comemorações do dia festivo da Escola de Tropas Paraquedistas sediada em Tancos, sendo que a atuação da Banda do Exército foi a atividade de maior visibilidade e impacto junto da população de Vila Nova da Barquinha, que assistiu de forma sempre muito entusiasta à performance das obras executadas pela BE. Numa noite muito agradável assistiram ao concerto altas entidades militares e civis, onde se evidenciou uma grande proximidade entre o Exército e esta Vila do interior de Portugal.



Foto: João Azevedo

Concerto alusivo ao Dia da Escola de Sargentos do Exército

Decorreu o tradicional e anual concerto pela Banda do Exército no Centro Cultural e de Congressos das Caldas da Rainha, no dia 5 de Junho de 2013 pelas 14.30h. Dirigido à população infantil desta localidade e aos militares que prestam serviço na ESE, este concerto inseriu-se nas comemorações do Dia da Criança e do Dia Festivo deste Estabelecimento Militar de Ensino Profissional, que tem a missão de assegurar a preparação cultural, técnica e profissional-militar dos sargentos dos quadros permanentes do Exército e que celebrou no dia 1 de Junho de 2013 o seu 32º aniversário. A brilhante atuação da Banda do Exército, na magnífica sala de espetáculos do CCC das Caldas da Rainha, foi correspondida pelos fervorosos aplausos de uma plateia completa.



Concerto no Museu Nacional de Arte Antiga

Pela manhã do dia 16 de Junho de 2013 a Banda do Exército apresentou-se em concerto nos belos jardins do Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. Este concerto, que vem sendo habitual nos últimos anos, insere-se no 3º Festival de Bandas Militares e das Forças de Segurança, organizado por aquele Museu. Naquela solarenga manhã, a atuação da Banda do exército foi aberta ao público que teve oportunidade de assistir a momentos musicais de elevada qualidade.

Banda do Exército no Auditório do CAS Oeiras

A Banda do Exército realizou um concerto no auditório do Centro de Apoio Social de Oeiras, no dia 10 de Julho de 2013. Esta atuação, promovida pela Direção de Serviços de Pessoal, teve o intuito de dinamizar as atividades dos utentes deste centro, que corresponderam manifestando, numa assistência repleta, o seu entusiasmo e admiração pelos vários momentos musicais de elevado nível, demonstrados pela Banda do Exército, sob a direção do seu Chefe Titular Major CBMus João Basílio.

Concerto no Colégio Militar

No dia 20 de Setembro de 2013 pelas 21.00h, a Banda do Exército apresentou-se num concerto ao ar livre para os alunos e familiares do Colégio Militar. Este Estabelecimento de Ensino Militar com mais de dois séculos de história, quis proporcionar no início do ano escolar um concerto de boas-vindas aos alunos deste colégio, convidando a Banda do Exército para este propósito. Como é seu apanágio a BE respondeu prontamente, correspondendo às expectativas da elevada assistência, que teve oportunidade de ouvir e admirar o elevado desempenho artístico da Banda do Exército. A atuação da BE, que tinha como objetivo, não só o entretenimento mas também, a divulgação da música aos mais jovens, contou ainda com a presença do Exmo. Diretor do Colégio Militar e demais entidades militares e académicas daquele Estabelecimento de Ensino Militar.

Banda do Exército atua no Forte S. João das Maias

Numa iniciativa promovida pelo Instituto de Ação Social das Forças Armadas, a Banda do Exército deslocou-se ao Forte de São João das Maias em Oeiras, no dia 23 de Setembro de 2013, para realizar um concerto pelo fim da tarde ao ar livre. Este evento destinou-se a todos os beneficiários e utentes do IASFA que tiveram

oportunidade de se deslocar àquele bonito e histórico local, com uma vista privilegiada para a foz do rio Tejo. A atuação da Banda do Exército, dirigida pelo seu Chefe Titular Major CBMus João Basílio, pautou-se pela execução de temas musicais de natureza e períodos variados, avivando a memória dos presentes naquela audiência, que se evidenciou nos fervorosos e saudosos aplausos.

Concerto em Tavira

Por ocasião do 365º aniversário do Regimento de Infantaria nº1 situado em Tavira, a Banda do Exército deu um concerto integrado nas comemorações deste Regimento de Infantaria mais antigo do país. Numa ação de abertura à comunidade por parte do RII, o concerto teve lugar na Igreja da Ordem Terceira do Carmo no dia 26 de Setembro de 2013 pelas 21.30h, sendo de entrada livre. A população acorreu em grande número, enchendo por completo a igreja. Sob a direção do Chefe Titular Major João Basílio e na presença de altas entidades militares e civis da cidade de Tavira, a Banda do Exército proporcionou um concerto de excelente qualidade artística a todos os presentes, que corresponderam manifestando rasgados elogios, deixando a mensagem que este tipo de eventos deve repetir-se no futuro.

Atuação da Banda do Exército em Palmela

Integrado no IX Festival Internacional de Música – Palmela “Terra e Cultura” e a pedido da Sociedade Filarmónica Palmelense “Os Loureiros”, a Banda do Exército realizou um concerto na sala do Cine teatro de Palmela pelas 17.00h, do dia 19 de Outubro de 2013. A população desta terra de vincada tradição musical acorreu em grande número para assistir à atuação da Banda do Exército, que correspondendo às elevadas expectativas desta audiência, apresentou um programa cuidado e diversificado que muito agradou às gentes de Palmela.



Eurídice

Cerimónias Comemorativas do Dia do Exército

O Exército Português comemora o seu dia festivo a 24 de Outubro, data em que se celebra a Tomada de Lisboa, em 1147, pelas tropas de D. Afonso Henriques, Patrono do Exército. Para assinalar a efeméride, a instituição promove todos os anos um conjunto de ações comemorativas que visam evocar os seus valores, bem como as suas capacidades e valências, junto das populações. Sob o lema “Sentir no Exército a Pátria que sempre fomos” as comemorações oficiais do Dia do Exército foram este ano, pela primeira vez, realizadas na histórica e monumental cidade de Lamego.



Foto: CAVE

Foram promovidas entre os dias 25 e 27 de Outubro de 2013 diversas iniciativas de natureza militar, cultural e recreativa, orientadas pelos “princípios da elevação, dignidade, profissionalismo e tradição, que são timbre do Exército Português”. Estas atividades ocorreram um pouco por toda a cidade que tem uma ligação profunda com o Exército Português, foi em Lamego que teriam decorrido as lendárias Cortes de Lamego, onde teria sido feita a aclamação de D. Afonso Henriques (Patrono de Exército) como Rei de Portugal e se estabeleceram as “Regras de Sucessão ao Trono”.

Outro fator preponderante para a escolha da cidade da Lamego foi, precisamente, o facto do Centro de Tropas de Operações Especiais (CTOE), uma unidade de elite do exército português, onde se formam os conhecidos “Rangers”, estar ali estacionado com um dispositivo militar considerável.

A Banda do Exército marcou presença nos momentos de maior relevo das comemorações oficiais do Dia do Exército, realizando o Concerto Comemorativo no dia 26 de Outubro de 2013 pelas 21.30h, no renovado Teatro Ribeiro Conceição, que foi pequeno para acolher a população lamecense. Marcaram presença neste concerto, Sua Excelência a Secretária de Estado da Defesa Nacional, Dra. Berta Cabral, Sua Excelência o Chefe do Estado Maior do Exército General Pina Monteiro,

bem como outras altas entidades militares dos vários ramos das Forças Armadas e de Segurança, estando ainda presentes as entidades civis representantes da cidade de Lamego.

A brilhante atuação da Banda do Exército nesta noite de gala, dirigida pelo seu Chefe Titular Maestro Major CBMus João Basílio granjeou a admiração e apreço de todos os presentes.



Foto: CAVE

Do programa de concerto constaram as seguintes obras:

Windy City.....Johan de Meij
Sinfonia nº 3 “Don Quixote”.....Robert Smith
O Viajante.....Pedro Santos
Dragon Fight - Fantasia Descritiva.....Otto Schwarz
Les Misérables.....Claude Michel Schönberg



Foto: CAVE

Na manhã do dia 27 de Outubro, um ensemble de música de câmara da BE acompanhou o Coro da Academia Militar sob a direção do SAj Mus Fernando Fernandes, na celebração da Missa de Ação de Graças e Sufrágio, decorrida na Sé Catedral de Lamego e presidida por Sua Excelência Reverendíssima o Bispo da Diocese de Lamego, D. António José da Rocha Couto.



Foto: CAVE

Ao final da manhã a Banda do Exército fez o enquadramento musical da Cerimónia Militar, no Largo da Feira, naquele que é o momento mais alto das comemorações e de maior visibilidade para a população. Fizeram parte desta grande parada militar, presidida pelo Exmo. Ministro da Defesa, Dr. José Pedro Aguiar-Branco cerca de 600 militares e dezenas de viaturas blindadas, sendo que a fulcral presença da Banda do Exército se evidenciou na execução do Hino Nacional, devidamente entoado pelas tropas e pelo povo, assim como durante o desfile em que a execução de música marcial imprimiu garbo às tropas que marchavam em continência.

Banda do Exército no Fórum Cultural de Alcochete



Foto: Sofia Lima

A convite da Câmara Municipal de Alcochete, a Banda do Exército atuou no Fórum Cultural de Alcochete. Este, que foi um concerto de Ano Novo, teve lugar no dia 10 de Janeiro de 2014, pelas 21.30h e encheu por completo a sala deste Fórum cultural. Não defraudando as expectativas, antes pelo contrário, a atuação da Banda do Exército surpreendeu pela qualidade técnica e artística, demonstrada na execução dos vários temas musicais, sob a regência do seu Chefe Titular, Maestro Major CBMus João Basílio, recebendo elogios de todos os presentes neste concerto de Ano Novo.

Concerto no Centro Cultural Olga Cadaval

A Banda do Exército realizou um concerto no Centro Cultural Olga Cadaval em Sintra, no dia 1 de Outubro de 2013, pelas 21.30h. Este que é o Dia Mundial da Música, coincide com o dia do aniversário do Regimento de Artilharia Antiaérea Nº1, sediado em Queluz. Foi no âmbito das comemorações do dia festivo desta unidade do Exército, que a Banda do Exército atuou nesta magnífica sala de espetáculos na histórica Vila de Sintra, repleta de público em geral, bem como altas entidades militares do Exército e civis de Sintra.



Foto: CAVE



Foto: CAVE

Concerto de Natal na Sociedade de Geografia de Lisboa

Realizou-se o tradicional Concerto de Natal pela Banda do Exército na Baixa de Lisboa, numa iniciativa da Real Irmandade de Nossa Sr^a da Saúde e São Sebastião. Esta parceria materializou-se, desta vez, no bonito espaço da Sociedade de Geografia de Lisboa no dia 12 de Dezembro de 2013, pelas 18.30h. Sob a direção do Chefe Adjunto, Maestro Capitão CBMus João Oliveira, a Banda do Exército executou com elevado nível artístico vários temas musicais, assim como as tradicionais melodias da quadra natalícia, deliciando toda a assistência presente na Sociedade de Geografia de Lisboa.



Foto: Sofia Lima

Eurídice

A Banda do Exército brindou toda a assistência com um concerto de elevado nível musical, reconhecido pela reação do público que correspondeu com efusivos aplausos. Do programa de concerto fizeram parte as seguintes obras:

Windy City.....Johan de Meij
 Variações para Oboé.....Rimski-Korsakov
 Solista : 1Sarg Salvador Parola



Foto: CAVE

El Baile de Luis Alonso.....G. Gimenez
 O Viajante.....Pedro Santos
 The Phantom of the Opera.....Andrew Lloyd Webber
 Summertime.....George Gershwin
 Les Miserables.....M. Schonberg
 Candide.....Leonard Bernstein

Concerto de Ano Novo no Teatro Académico Gil Vicente



Foto: CAVE

O tradicional concerto de Ano Novo realizado pela Banda do Exército na cidade estudantil de Coimbra, realizou-se mais uma vez no Teatro Académico Gil Vicente pelas 21.30 do dia 16 de Janeiro de 2014. Organizada pela Brigada de Intervenção, esta atuação da Banda do Exército, dirigida pelo seu chefe titular, proporcionou mais uma vez um estrondoso concerto, manifestado pelos efusivos aplausos de uma plateia vibrante.

Salientando a superior execução em eufónio do solista 1Sarg Bruno Pascoal na obra "The Green Hill" de Bert Apertmont, fizeram ainda parte do concerto as

seguintes obras:

Dynamica.....Jan Van der Roost
 1ª Fantasia Popular Portuguesa.....Joaquim Luís Gomes
 Marcha Concertante.....Joaquim Luís Gomes
 Talent de Bien Faire.....Jorge Salgueiro
 Perpetuum Mobile.....Johann Strauss Jr.
 Galope dos Bandidos.....Johann Strauss Jr.
 Thunder and Lightning.....Johann Strauss Jr.



Foto: CAVE

Concerto de Encerramento do 40º CFS Músicos

Teve lugar no auditório do Centro de Apoio Social de Oeiras o concerto de encerramento do 40º Curso de Formação de Sargentos Músicos pelas 16.00h do dia 17 de Julho de 2013. Aberto ao público, o concerto contou com a presença do Diretor da DSP, Major-General Aníbal Flambó, o Comandante do RAAA1 Cor Art Borges da Fonseca, o Chefe da Chefia de Bandas e Fanfarras do Exército, Major CBMus Fernando Moreira que assistiram ao desempenho dos alunos na execução das obras a solo com acompanhamento da BE. Com a direção a cargo do chefe adjunto, Maestro Capitão CBMus João Oliveira, a Banda do Exército acompanhou os alunos, sob o olhar atento do júri, composto pelo corpo docente da classe de instrumento e presidido pelo Major CBMus João Basílio. Terminaram o 2º ano do CFS, Parte Específica de Músicos e Clarins na Banda do Exército os seguintes alunos: 2Sarg Músico David Crispim (Trombone), 2Sarg Músico Carlos Freitas (Trompete), 2Sarg Músico Hernâni Gonçalves (Eufónio), 2Sarg Músico Luís Afonso (Clarinete), 2Sarg Clarim Pedro Costa e 2Sarg Clarim Arlindo Reis.



Foto: Óscar Oliveira

Ensembles de Música de Câmara da BE



Foto: CAVE

Quarteto de Saxofones

Durante o ano de 2013 o Quarteto de Saxofones desenvolveu uma atividade regular, a pedido de várias entidades militares e civis, onde evidenciou desempenhos de grande qualidade artística, que se fez notar pelos rasgados elogios obtidos das assistências, salientando-se a atuação de excelência, no programa em direto “Portugal no Coração” da RTP. Realizaram ainda concertos na Academia Militar, no Forte de Santo António do Instituto de Odivelas e também no Castelo de S. Jorge em Lisboa, onde deram enquadramento musical a um jantar VIP, inserido no Congresso Internacional AFCEA.

Fazem parte da sua formação os seguintes militares: 1Sarg Bruno Peixoto (Sax. Alto), Sold Ricardo Duarte (Sax. Tenor), Sold Hélio Ramalho (Sax. Soprano) e Sold Fábio Serrano (Sax. Barítono).

Quinteto de Metais

O Quinteto de Metais da Banda do Exército integra na sua formação o SAj Dulcinio Matos (Trombone), 1Sarg Óscar Oliveira (Trompete), 1Sarg Luis Sousa (Trompete), 2Sarg Pedro Santos (Tuba) e o Sold Mnuel Vieira (Trompa). Manteve uma atividade regular,

sendo solicitado com frequência para atuações em vários atos oficiais do Exército, bem como a pedido de entidades civis. Destacam-se a sua atuação na Cerimónia Comemorativa do 54º Aniversário da Direção de História e Cultura Militar, no Palácio dos Marqueses do Lavradio, onde realizou um concerto direcionado à efeméride da participação do Corpo Expedicionário Português na Grande Guerra, a atuação na Cerimónia de Investidura de N.ª Sra. da Saúde, e na abertura do ano letivo da Academia Militar. Sendo digno de representar a Banda do Exército em salas de dimensão reduzida, o Quinteto de Metais da BE tem granjeado a admiração e elogios nos meios militares e civis, pelos desempenhos de elevado nível artístico que demonstra.



Foto: CAVE

Banda do Exército na Tomada de Posse do CEME

A Banda do Exército participou, na tarde do dia 18 de Fevereiro de 2014, na cerimónia de tomada de posse do novo Chefe do Estado Maior do Exército, General Carlos Jerónimo. O Exmo. General deixa assim o comando das Forças Terrestres, sucedendo ao General Pina Monteiro que tomou posse como CEMGFA no dia 7 de Fevereiro. A Cerimónia de tomada de posse teve início com a Guarda de Honra no Pátio dos Canhões do EME, onde a Banda do Exército executou o Hino Nacional para a integração do Estandarte Nacional e o Hino da Maria da Fonte, aquando da Chegada do Exmo. General Carlos Jerónimo.



Foto: CAVE

Eurídice

Banda do Exército no programa “Praça da Alegria”



Na manhã do dia 11 de Abril de 2013, a Banda do Exército deslocou-se à Radio Televisão Portuguesa para participar no programa em direto do canal 1 “Praça da Alegria”. Foi desta forma que se deu início ao dia em que oficialmente começavam as Comemorações do 25º Aniversário da Banda do Exército.



A participação da BE começou logo no arranque do programa às 10.00h da manhã com a execução de uma marcha militar dirigida pelo Chefe Titular, Maestro Major CBMus João Basílio, seguindo-se uma entrevista com o Chefe da BE e com o SAj Luís Correia conduzida pelos apresentadores João Baião e Tânia Ribas de Oliveira, onde foi explicada a génese da Banda do Exército, assim como a sua missão e o papel que desempenha no Exército Português e no país. Momentos mais tarde, a BE foi representada numa excelente atuação do seu Quarteto de Saxofones.



Concurso de Composição para Orquestra de Sopros

Na manhã do dia 6 de Fevereiro de 2014, decorreu a audição das obras concorrentes ao Concurso de Composição para Orquestra de Sopros, na sala de ensaio da Banda do Exército. Em parceria com o INATEL a Banda do Exército organizou, mais uma vez, este concurso, com o intuito de estimular a composição para orquestras de sopros, sendo uma oportunidade no panorama nacional, de novos compositores apresentarem as suas ideias musicais.



O júri composto pelo Chefe da Chefia de Bandas e Fanfarras, Major CBMus Fernando Moreira, Chefe Titular da Banda do Exército, Major CBMus João Basílio e pelo Professor de Composição da Escola Superior de Música de Lisboa, Vasco Pearce de Azevedo, procedeu à análise cuidada das obras a concurso, que foram as seguintes:

- Nunca Foi - José Eduardo (Pseudónimo)
- Poseidon - O Deus dos Mares - Hellfire (Pseudónimo)
- O Amolador - Chico Pinto (Pseudónimo)
- From Portucale to Portugal, A Nation of Discovereres - João Quadros (Pseudónimo)
- Êxodo - Emanuel Vieira (Pseudónimo)
- Quadros Flutuantes - Campos (Pseudónimo)
- ...Fragmentos! - Patêga (Pseudónimo)
- Terra o Planeta... Como nos escutam - A. Barbosa (Pseudónimo)

Estando presentes, a Coordenadora das Atividades Culturais do INATEL, Dra. Carla Raposeira e a Dra. Susana Cruz, na audição compareceram também, o Exmo. Diretor da Direção de Serviços de Pessoal, MGen Aníbal Flambó e o Exmo. Comandante do Regimento de Artilharia Antiaérea N°1, Cor Art Carlos Fonseca. No final da audição e após reunião, o júri decidiu não atribuir o prémio.



Atuação da Banda do Exército no SintraViva 2013

Inserido no Fórum de Projetos do concelho de Sintra (SintraViva 2013), que teve lugar no Regimento de Artilharia Antiaérea nº1, a Banda do Exército realizou uma atuação pela manhã do dia 29 de Maio de 2013. A BE apresentou-se perante uma alargada assistência, composta essencialmente por escolas, contando ainda com a presença de entidades representantes da Câmara Municipal de Sintra e do RAAA1, tocando agradáveis trechos musicais, com o intuito da divulgação da música junto deste público mais jovem.

Este projeto, organizado pela Câmara Municipal de Sintra, decorre anualmente ao longo de duas semanas e inclui atividades culturais, desportivas, recreativas e sociais, sendo direcionado à população escolar deste concelho.



Foto: João Azevedo

Cessação de funções do Chefe Adjunto da BE

No dia 22 de Fevereiro de 2014, o Capitão CBMUS João António Soares Ribeiro de Oliveira, deixou de exercer as funções de Chefe Adjunto da Banda Sinfónica do Exército, cargo que ocupou desde o dia 14 de Junho de 2012. A Banda Sinfónica do Exército agradece profundamente o seu importante contributo em prol da música, desejando-lhe as maiores felicidades pessoais, bem como, muito sucesso no desempenho das suas novas funções como Chefe da Banda Militar dos Açores, sediada na ilha de São Miguel, onde foi colocado recentemente.

Concertos Didáticos

Ao longo do ano de 2013, foram vários os concertos didáticos que a Banda do Exército efetuou, quer na sua sala de ensaio, quer deslocando-se às várias escolas do 1º e 2º ciclo espalhadas pelo território nacional. Este tipo de atividade visa divulgar a música e cultivar o interesse dos mais jovens, ao proporcionar-lhes um contato estreito com os vários instrumentos que compõem a BE. Complementando e aprofundando os conhecimentos adquiridos na disciplina de Música, aos alunos é explicado de que forma os instrumentos produzem o som, podendo ouvir o timbre de cada instrumento individualmente.

A BE no seu conjunto aborda e dá a conhecer vários estilos musicais, de épocas diferentes, contribuindo assim para uma experiência muito enriquecedora para os estudantes deste país.

Destacam-se neste enquadramento, as deslocações da Banda do Exército à Escola Secundária do Entroncamento, Escola Dr. Manuel Fernandes em Abrantes e ao Centro Cultural e de Congressos nas Caldas da Rainha.



Foto: João Azevedo

LUSITANIAVIDA

Grupo Montepio

MELHOR SEGURADORA VIDA 2013

Na categoria de média e pequena dimensão



BANCA & SEGUROS

Exame

Apresenta as melhores soluções de poupança e reforma.

PLANO
POUPANÇA
REFORMA
PPR

OLHE O
FUTURO COM
CONFIANÇA

MINI
POUPANÇA
LUSITANIA

PROTECÇÃO
TOTAL
POUPANÇA
SEGURA

LUSITANIA
RENDIMENTO
2014
1ª SÉRIE

MÁXIMO
RENDIMENTO

PLANO
PENSÃO
PESSOAL

PENSÃO
GARANTIDA
MAIS
REFORMA



LUSITANIA VIDA, COMPANHIA DE SEGUROS, S.A.

Avenida Eng. Duarte Pacheco - Torre 2, 12º - 1070-102 Lisboa - Portugal - Tel 00 351 213 814 860 - Fax 00 351 213 814 878
Rua Júlio Dinis, 676 - 6º - 4050-320 Porto - Portugal - Tel 00 351 226 066 928 - Fax 00 351 226 097 804

www.lusitaniavida.pt

CURSOS DE MÚSICA MINISTRADOS PELA BANDA DO EXÉRCITO

TEXTO 1Sarg Ana Francisco
FOTO SCh MUS Fernando Magalhães

A Banda do Exército continua a ministrar os cursos musicais de formação e promoção aos vários postos. Trata-se da escola de música do Exército Português que tem, entre outras, a função de formar e aperfeiçoar os músicos militares de todas as Bandas do Exército, bem como os novos músicos que iniciam a sua carreira militar. A Banda do Exército apresenta um vasto quadro pedagógico composto por músicos que se formaram ao mais alto nível nos diversos estabelecimentos de ensino, nomeadamente a Escola Superior de Música de Lisboa, a Academia Nacional Superior de Orquestra, o Conservatório Nacional de Música, entre outros de reconhecido mérito.

Curso de Promoção a Sargento-Ajudante (CPSA)

O Curso de Promoção ao posto de Sargento-Ajudante destina-se aos Primeiros-Sargentos que reúnam as condições necessárias para tal e tem como principal objetivo adquirir os conhecimentos teóricos e práticos para o desempenho das funções de Sargento-Ajudante. Compreende duas partes, uma parte geral que é efetuada na casa-mãe do sargento, a Escola de Sargentos do Exército, e uma parte específica que é efetuada nas instalações da Banda do Exército. No período de 12Mar13 a 28Mar13 realizou-se o 1º CPSA, que foi frequentado pelo 1Sarg Músico Valter Manuel Oliveira Medeiros e pelo 1Sarg Músico João Jacinto Cabral Cordeiro, ambos vindos da Banda da Região Militar dos Açores, onde se encontram colocados. No período de 08Jul13 a 25Jul13 decorreu o 2º CPSA, que foi frequentado pelo 1Sarg Clarim Francisco António Leite Oliveira Silva, pelo 1Sarg Músico João Jorge dos Santos Salvador Belo e pelo 1Sarg Músico Luís Manuel Vaz Monteiro.

Curso de Formação de Sargentos (CFS)



Eurídice

O Curso de Formação de Sargentos é o curso mais longo e, talvez, o mais importante na carreira militar do músico do Exército Português, pois dele dependerá toda a sua progressão num futuro a longo prazo. É, sem dúvida, de extrema importância para a sobrevivência das Bandas do Exército, uma vez que é através dele que se renovam, completam e sustentam os quadros das mesmas. A primeira parte do curso é ministrada na Escola de Sargentos do Exército e tem a duração de um ano letivo. Na segunda parte do CFS, com a duração de mais um ano letivo, são ministradas as disciplinas de Análise e Técnicas de Composição,

Organologia e Acústica, Formação Musical, História da Música, Instrumento, Música de Câmara, Técnica de Conjunto e Educação Física. Em 03Set13, iniciou a 2ª parte do 41º CFS, o Furriel Aluno Luís António dos Santos Ferrão, no instrumento de clarinete, que terminará em 31Jul14. A 01Out13 ingressaram no Quadro Permanente do Exército os seguintes alunos do 40º CFS: 2Sarg Músico David Crispim (Trombone), 2Sarg Músico Carlos Freitas (Trompete), 2Sarg Músico Hernâni Gonçalves (Eufónio), 2Sarg Músico Luís Afonso (Clarinete), 2Sarg Clarim Pedro Costa e 2Sarg Clarim Arlindo Reis.



Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército (CFGCPPE)

O curso de formação de praças é o primeiro obstáculo que os músicos militares têm de ultrapassar para integrar as Bandas do Exército e tem como principal objetivo especializar as praças na área da música. No período de 18Fev13 a 22Mar13, decorreu na Banda do Exército, a Instrução Complementar - Parte Específica do 5º e 6º CFGCPPE/12-ESP18 – Música. Este curso foi frequentado pelo Sold Tiago Filipe Almeida Martins (Saxofone), pelo Sold João Vasco Leitão Balegas (Oboê), pelo Sold João Miguel Leite Aguiar (Clarinete), pelo Sold João Carlos Carvalho Portela dos Santos (Eufónio) e pelo Sold Bruno Miguel Magalhães da Silva (Trompete).





*A Banda Sinfónica do Exército
agradece a todos aqueles que
colaboraram para a consolidação
do seu sucesso.*



CHEFIA DE BANDAS E FANFARRAS

Aprovado por despacho nº 47/92, de 16JUL do GEN CEME ao abrigo do Artº 59º da Portaria 213/87, de 24 de Março

Armas

Escudo de negro, uma harpa de ouro.

Elmo militar, de prata, forrado de vermelho, a três quartos para a dextra.

Correia de vermelho, perfilada a ouro.

Paquife e virol de negro e de ouro.

Timbre: uma ave-lira de ouro

Divisa : Num listel de branco, ondulado, sotaposto ao escudo, em letras de negro, maiúsculas, de estilo elzevir
“QVE SE ESPALHE E SE CANTE NO VNIVERSO”.

Simbologia e alusão das peças:

- Há milénios que a dicotomia da HARPA – a oposição entre frieza dos materiais que a compõem e as sonoridades etéreas que dela se desprendem – é tida como espelho das tensões entre os puros instintos e as aspirações espirituais permanentemente presentes no interior de cada ser humano. Por isso a HARPA é o símbolo da ligação entre a Terra e o Céu.
- Desde há séculos, também nas organizações militares, as Bandas têm a função mediática de acentuar no homem-soldado forças morais que o levam a superar-se e a ultrapassar as fases críticas da sua irrequieta vivência profissional. Tal como as sonoridades da harpa tendem a harmonizar as diferentes personalidades dos seres humanos, também à ChBF cabe conciliar as aspirações, nem sempre convergentes, dos diversos órgãos musicais do Exército.
- A AVE-LIRA, cuja cauda, ao abrir-se, reproduz a forma do instrumento que acompanhou Orfeu na sua descida solitária aos Infernos caracteriza-se pela inigualável fidelidade com que pode modelar os sons mais insuspeitados. Invenção de Apolo, a lira simboliza a inspiração poético-musical que subjaz no imo de cada componente de uma Banda.
- A Divisa «QVE SE ESPALHE E SE CANTE NO VNIVERSO» (Lusíada I-5), reflete o ideal carismático que é a razão final do labor insano de acurado treino, para atingir o coração dos homens.

Os esmaltes significam:

O OURO: A liberdade no apelo ao espírito exercido na riqueza dos sons.

O NEGRO: A sabedoria essencial do sentimento do Homem-artista.